



CADERNO DE TESES

Somos estudantes universitários espalhados de norte a sul do Brasil que carregam na mente e no coração a enorme vontade de transformar o país através da educação. Não nos conformamos com a desigualdade e a injustiça e acreditamos que o nosso país possui enorme potencial para garantir a felicidade plena de seu povo, mas para isso precisamos construir o Brasil com as nossas próprias mãos. Após vários anos de luta conseguimos arrancar vitórias que permitiram com que muitos de nós fossemos os primeiros das nossas famílias a cursar o ensino superior.

Somos “os filhos do porteiro” que estão na universidade graças ao ProUni, FIES e às cotas - conquistas históricas que foram obtidas através da nossa luta - ou que ralam muito para conseguir pagar as mensalidades caras.

Se nos últimos quatro anos tivemos que transformar o medo e aflição em mobilização e resistência ao governo Bolsonaro e ao fascismo, em meio a uma pandemia que tirou a vida de quase um milhão de brasileiros, agora vivemos um momento de esperança com a vitória de Lula. A derrota de Bolsonaro no pleito eleitoral representa uma das maiores vitórias populares da história do Brasil, esta vitória tem a marca e o protagonismo da UNE.

Fomos nós que iniciamos o ciclo de mobilizações contra Bolsonaro. Já em 2019, a Bienal da UNE, realizada em Salvador, inaugurou uma grande jornada de resistência que mobilizou sobretudo juventude e estudantes. Os Tsunamis da Educação arrastaram milhões de jovens no país inteiro para lutar contra os cortes nas universidades e institutos federais. Construímos também a Campanha Fora Bolsonaro, sendo a primeira entidade a defender atos de rua em meio a quarentena, nos reinventamos na pandemia com diversas mobilizações digitais que derrubaram um Ministro da Educação, adiaram o ENEM, conquistaram a volta do FUNDEB e garantiram o pagamento das Bolsas do PIBID. No meio da corrida eleitoral ainda organizamos uma grande manifestação contra os cortes na educação. A UNE foi o movimento que mais colocou gente na rua para derrotar o Bolsonaro.

Outro elemento fundamental para nossa vitória foi a capacidade de aglutinar amplos setores sociais contra Bolsonaro. Nossa atuação dentro da UNE cumpriu este papel.

Mesmo com resistência de setores da oposição, apresentamos uma agenda dentro da entidade que priorizasse a construção de uma frente ampla antifascista. Mobilização social e amplitude foram os principais ingredientes da nossa vitória. Porém, somente a vitória de Lula e a derrota eleitoral de Bolsonaro não basta, a luta para se bolsonarizar e reconstruir este país ainda está em curso. A invasão dos três poderes no dia 8 de janeiro mostra ainda uma extrema direita com capacidade de se mobilizar e existem elementos que demonstram que eles ainda possuem força social. Será nosso papel derrotar o neofascismo na sociedade, para isso precisamos combatê-lo ideologicamente no debate público, nas ruas com amplas mobilizações e na justiça, fazendo com que Bolsonaro e seus cúmplices paguem pelos seus crimes e que não tenha nenhum tipo de Anistia.

O desemprego, a fome, a diminuição da renda e do salário, a evasão escolar e o desmonte da educação são partes de um legado do bolsonarismo que teremos que reverter. No processo de reconstrução há muito que ser feito. Se é verdade que se formou uma Frente Ampla em torno de Lula é também verdade que o programa que o elegeu propõe mais políticas sociais, investimentos em educação e valorização do emprego e renda. O mercado não pode usurpar a vontade do povo e pressionar por uma agenda de austeridade social e bonança para os banqueiros.

Precisaremos de uma UNE com independência e que mantenha sua agenda de mobilização,

para garantirmos uma reforma universitária. Queremos uma nova universidade, com um novo currículo e ensino, garantindo um ambiente de aprendizagem transdisciplinar, preparado para receber os estudantes trabalhadores e aberto aos saberes populares. Precisamos de uma universidade com os olhos e as mãos nos desafios nacionais, com programas de extensão que ajudem no combate à fome e analfabetismo, uma produção científica para superar os maiores desafios do nosso povo.

Essa nova universidade deve ter uma política de assistência estudantil profunda, para garantir não só o acesso, mas também a permanência de todos estudantes, deve ser autônoma com eleição direta para reitor com paridade e deve ser inclusiva, livre do machismo, racismo e LGBTfobia. Ela terá um plano de financiamento robusto e estável para que as instituições tenham capacidade de estruturar todos esses pilares mencionados acima.

Somente a pressão popular pode garantir as mudanças que sonhamos. Por isso, o movimento Bloco na Rua te convida a vir somar nesta luta contra o neofascismo e pela reconstrução nacional. Só quem colocou a UNE para ser protagonista de todas essas agendas têm a capacidade de cumprir os desafios do próximo período. Conheça nossa tese completa e todas nossas propostas pro Brasil, para educação e para União Nacional dos Estudantes. Acesse nossas redes e nosso site: @mov.bloconarua <https://comunicacao.ujs.org.br/>

AGORA É NOSSA VEZ!

*Levante Popular da Juventude

Somos o Levante Popular da Juventude!

Somos uma juventude diversa, viemos das periferias dos centros urbanos, das escolas, Universidades e do campo do país. Construímos o movimento estudantil com arte, cultura popular, formação e luta. Queremos uma UNE cada vez mais presente em todas as Universidades! Estamos no 59º Congresso da UNE para te convidar a vir com o Levante, AGORA É NOSSA VEZ DE CONSTRUIR UM BRASIL PARA OS/AS BRASILEIRAS!

A crise capitalista a nível mundial levou ao aumento da exploração dos países chamados periféricos pelos EUA. Em contrapartida, a emergência da China e da Rússia, tem mudado rapidamente a geopolítica internacional e a tendência é que novos conflitos militares se desenvolvam pelo mundo. Defendemos a autodeterminação dos povos, a soberania nacional e os interesses da classe trabalhadora. Nos solidarizamos com a Venezuela, Cuba e todos os países que estão sendo desestabilizados pela ofensiva imperialista! No Brasil, conquistamos uma vitória política com a eleição de Lula Presidente. Depois do Golpe contra a Presidenta Dilma, e de muita luta, em que nós estudantes fomos a linha de frente, derrotamos Bolsonaro com 60,3 milhões de votos. Isso só foi possível porque combinamos a frente ampla pela democracia com grandes mobilizações nas eleições. Mas o bolsonarismo segue com força política no congresso e nas ruas, vide a tentativa de golpe do 8/01/23 e a CPI do MST.

Para virar o jogo precisaremos conquistar transformações profundas na economia brasileira, com a prioridade sendo o povo, na busca por geração de empregos, investimentos em saúde e educação e políticas públicas para vencer a fome. Bolsonaro está inelegível, agora gritamos: sem anistia para golpista! Apostamos na mobilização nas ruas, bairros, universidades e escolas para construir força social e arrancar os direitos sociais que nos tiraram, rumo a construção de um Projeto Popular para o Brasil.

É momento de retomar a valorização da educação pública no ensino superior! Na agenda prioritária da UNE, defendemos uma nova expansão do ensino superior público, com a ampliação das políticas afirmativas no país, e assegurando políticas de permanência para os estudantes, como forma de enfrentar o abismo existente entre as juventudes brasileiras e combater o racismo estrutural.

Além disso, precisamos regulamentar o ensino superior privado. O PROUNI e o FIES constituíram um avanço na democratização do acesso ao ensino superior para os jovens da classe trabalhadora. Mas os estudantes ainda enfrentam problemas: altas mensalidades, endividamento, dificuldades com a permanência, a baixa qualidade do ensino à distância, etc. Está cada vez mais perceptível que os grandes conglomerados educacionais atuam em busca do lucro e não possuem compromisso com a qualidade do ensino ofertado, ocasionando inclusive a demissão em massa de professores.

Por fim, não é possível falar de acesso ao ensino superior sem falar da necessidade de lutarmos pela revogação do Novo Ensino Médio para que os filhos da classe trabalhadora possam ter acesso a uma educação de qualidade e conectada à realidade brasileira! É preciso colocar a educação e a universidade brasileira no centro da reconstrução do Brasil, debatendo os grandes temas nacionais que afligem a vida do povo brasileiro, tais como a reindustrialização, o desenvolvimento sustentável, o respeito aos direitos humanos, o enfrentamento à fome, ao analfabetismo, à miséria e à precarização do trabalho.

PROPOSTAS DO LEVANTE PARA A UNE

Estudantes na reconstrução do Brasil - campanha de voluntários para desenvolver ações de solidariedade de combate a fome e ao analfabetismo no Brasil conduzida pela UNE e em

diálogo com o Governo;

Retomada da UNE Volante - para debater a reforma universitária e o desenvolvimento de um programa unitário para a educação brasileira;

Realização do Conselho Nacional de Entidades de Base da UNE (CONEB) e uma campanha de fortalecimento das entidades de base (CAs e DAs);

Ampliar a “Nossa Voz!” - Criar ferramentas que contribuam para a divulgação de atividades do movimento estudantil;

Defesa dos cursos do prona e articulação de seus estudantes - A inserção dos estudantes camponeses, vindos das áreas de reforma agrária, contribui para a diversidade necessária nas universidades e sua vinculação com o campo brasileiro;

Fortalecimento dos grupos de extensão, atléticas, empresas juniores, etc - Interagir com as mais diversas formas de organização dos estudantes;

Popularização do cuca e da Bienal da UNE - que o CUCA reivindique o legado do CPC, que seja diverso e acessível. Que a Bienal da UNE abarque a produção dos estudantes;

Que os encontros organizados pelas diretorias de mulheres, negros e negras e lgbts contribuam também no fortalecimento dos coletivos locais;

Internacionalizar a luta a partir da construção de um programa latino-americano de lutas em defesa da educação via participação na Oclae.

OCUPAR AS RUAS PARA CONQUISTAR O QUE É NOSSO!

*Movimento Correnteza

O governo fascista de Bolsonaro e seus generais deixou uma herança maldita: 14 milhões de desempregados, 33 milhões passando fome e os pobres ainda mais pobres. Na juventude a situação é trágica: 27% das pessoas entre 15 e 29 anos não estudam e nem trabalham (Instituto Veredas). Como o poder em nosso país está nas mãos da grande burguesia, do capital financeiro e da elite do agronegócio, o povo sofre com o aumento geral dos preços e a piora das condições de vida. Enquanto 51 bilionários têm fortunas acima de R\$ 5 bilhões, milhões de famílias não têm casa para morar. A falta de perspectivas é uma realidade e a juventude sente e vê que seu futuro está em risco.

Uma das alternativas apresentadas para o jovem é fazer uma faculdade para tentar ingressar no mercado de trabalho. Porém, somente 18% dos jovens entre 18 e 24 anos estão no ensino superior. Eis a causa: 2,3 milhões de estudantes fizeram o ENEM no ano passado, mas o governo só ofereceu 226 mil vagas pelo SiSU, ou seja, 90% das pessoas que realizaram o exame não conseguiram vaga.

Esses estudantes são, portanto, obrigados a concorrer a uma bolsa nas instituições privadas, pagar altas mensalidades e se endividar com financiamentos estudantis. Como o Brasil tem um dos mais baixos salários do mundo e os jovens só conseguem empregos precários, vivemos na situação de se correr o bicho pega e se ficar o bicho come. Este é o Brasil que querem nos impor.

Os que ingressam na universidade tem imensa dificuldade de concluir o curso, principalmente pela falta de bolsas, restaurante universitário e moradia. Em 2021, 36,6% dos universitários não conseguiram continuar estudando. Nós, estudantes universitários, precisamos lutar para mudar essa realidade e acabar com essas injustiças. Educação pública, gratuita e de qualidade é um direito fundamental do povo brasileiro. A luta do Movimento Correnteza é para que a Constituição seja respeitada e o nosso direito à educação seja garantido. Exigimos mais investimentos, mais vagas e estrutura decente nas universidades públicas. Chega de usar o dinheiro público para pagar juros aos banqueiros, sucatear a universidade pública e permitir que os donos das universidades particulares realizem abusivos aumentos das mensalidades. Queremos uma UNE que lute por mais bolsas estudantis, restaurantes e moradias universitárias.

Queremos mais: emprego e condições dignas de trabalho, moradia, alimentação, transporte, direito à cultura e ao lazer para a juventude e o povo brasileiro. Queremos a expansão da Lei de Cotas para que elas abarquem pessoas trans e travestis. Queremos que as estudantes parem de sofrer assédio moral e sexual nas universidades, que os espaços acadêmicos sejam completamente adaptados para pessoas com deficiência, queremos que os povos indígenas acessem a universidade e que exista orçamento para garantir todos possam concluir suas graduações.

O 59º Congresso da UNE precisa pôr fim ao imobilismo que hoje impera em nossa entidade nacional. A UNE somos nós, vamos nos unir para construir uma UNE de luta e democrática!

6 PROPOSTAS PARA TRANSFORMAR A UNE:

1. Autonomia da UNE diante dos governos e casas legislativas para defender os estudantes e o Brasil;
2. Por mudanças nas metodologias de realização dos fóruns da UNE, buscando atrair mais estudantes e sua maior participação nas decisões da entidade;
3. Pela conclusão das obras da sede da UNE na Praia do Flamengo, 132, para que seja um local de resistência estudantil;
4. Funcionamento imediato dos conselhos editorial e fiscal para maior transparência da UNE. Apresentação da prestação de contas atualizada já!

5. Realização do Conselho Nacional de Entidades de Base em anos não congressuais;
6. Por um regimento mais democrático para o CONUNE!

10 PROPOSTAS PARA TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO:

1. Por mais verbas para a Educação, auditoria da dívida pública já;
2. Aumento das verbas do PNAES e criação de um plano de assistência para os estudantes do EaD;
3. Passe livre irrestrito para todos os estudantes;
4. Restaurantes universitários popular e acessível;
5. Em defesa da Lei de Cotas nas universidades;
6. Perdão da dívida do FIES;
7. Regulamentação do ensino privado;
8. Autonomia e fim das intervenções nas universidades;
9. Ampliar a participação estudantil nos Conselhos Universitários;
10. Mais vagas nas universidades.

Uma Correnteza de lutas em defesa da educação e de um país com justiça, livre e democrático!

Fundado no ano de 2017, através da união de movimentos estudantis regionais, o Movimento Correnteza integra a Unidade Popular e se organiza em diversas universidades públicas e pagas para defender a Educação. Somos milhares de vozes rebeldes, ecoando nos CAs, DAs e DCEs país afora, em luta para transformar a realidade da juventude e das salas de aula. Surgimos para fazer a UNE voltar a ser combativa e protagonista das lutas em defesa da universidade brasileira. Bora com a gente, pois as palavras convencem, mas o exemplo arrasta!

VOLTA POR CIMA

*Coletivo Paratodos

Levanta, sacode a poeira e dá VOLTA POR CIMA. Brasília recebe o 59º Congresso da União Nacional dos Estudantes (CONUNE), onde celebraremos a volta por cima do povo brasileiro, em meio ao negacionismo, ao desmonte da educação, as fakes news, a democracia resistiu, demos a volta por cima e o Brasil voltou a ser um lugar onde o governo é o povo e o povo é o governo.

O 59º CONUNE representa o mais importante fórum estudantil nesta conjuntura que deverá pautar o equilíbrio necessário entre a unidade e a diversidade política das organizações sociais, de esquerda e do movimento estudantil. Para o qual escolhemos como tática central a defesa da educação livre e democrática, da ciência, das nossas Universidades e dos nossos estudantes. Defender o Brasil como uma pátria educadora!

Por isso, convidamos os estudantes brasileiros a levantar e dar a volta por cima na luta para conquistarmos o acesso irrestrito e universal a uma educação pública, gratuita, de qualidade, igual e plural ParaTodos e ParaTodas.

O Coletivo ParaTodos na UNE honrou sua tese de 2020: “Lula UNE o Brasil”; protagonizou a luta estudantil em meio aos cortes orçamentários do Governo Bolsonaro, ousou organizar os estudantes e fazer o enfrentamento necessário que ecoou a voz dos universitários pelo Brasil e levantou a bandeira Lula Presidente para unir o Brasil.

Então, estudantes, é hora de celebrar a volta por cima, sacudir a poeira, nos unir e bradar em todos os cantos do país, que os estudantes resistem, que se organizam e que lutam por um Brasil feliz de novo.

O 59º Congresso da UNE é, então, o momento de reafirmarmos um movimento estudantil combativo, organizado, plural, com foco na unidade e na defesa irrestrita da educação brasileira. Um Movimento que defenda cada vez mais as nossas Universidades livres, o desenvolvimento do Brasil e nossos direitos! Por isso, vamos juntos com o Coletivo ParaTodos dá a Volta por Cima!

A Volta por Cima - Da barbárie bolsonarista, ao Governo de Todos:

Lutar pela educação e por todo o conjunto de direitos estudantis sob um governo que encara as escolas e universidades como inimigas é um desafio histórico, que exige luta, organização e sobretudo, coragem.

Esta tarefa ficou ainda mais difícil com a crise sanitária que se instalou no mundo inteiro em março de 2020, que fez com que as desigualdades sociais ficassem mais evidentes, agravando a situação dos estudantes em vulnerabilidade social, que não têm acesso regular à internet e a aparelhos eletrônicos. A luta do movimento estudantil teve que se reinventar e se intensificar virtualmente. A digital passou a ser vital para o aprendizado e para a organização estudantil, para que nenhum estudante fique para trás.

O movimento estudantil seguiu firme e presente na vida do estudante e da juventude brasileira, que teve que ressignificar o verbo lutar. Resistimos e vencemos.

A vitória de Lula e do povo brasileiro, nas eleições de 2022, marcam a volta por cima do país, depois do golpe institucional que em 7 anos tem como resultado uma profunda crise social, econômica e política, que foram agravadas em seus últimos 4 anos, sob o governo Bolsonaro.

Não podemos porém, nos acomodar ou acreditar, que uma vitória nas urnas, significa uma vitória completa contra o conservadorismo neofascista que se aflorou no Brasil nos últimos

anos, e sem dúvida tal afirmação é marcadamente comprovada pelos atos de 8 de janeiro que chocaram o Brasil, com cenas de uma tragédia anunciada e incitada orgulhosamente pelo campo bolsonarista.

Precisamos combater urgentemente essa gente que quer à força causar pânico, terror e retrocesso ao país, não toleraremos ameaças golpistas e os vergonhosamente exaltadores da ditadura, e se lá atrás, a democracia desse país anistiou os golpistas, exigimos agora, sem anistia para os que atacam a democracia!

A volta de Lula e do povo ao poder marca uma ruptura institucional ao programa fascista que se desenvolvia no país. O Governo do Povo voltou para dar dignidade aos trabalhadores (as), aos estudantes, as mulheres, aos negros e negras, à população LGBTQIA+, ao povo pobre desse país.

Nos primeiros 100 dias de governo, o orçamento das Universidades retornou, as bolsas científicas foram reajustadas, as obras paralisadas foram reiniciadas, a reforma do ensino médio vai ser discutida, o Brasil voltou a ter protagonismo internacional e o povo voltou ao centro do poder e das discussões através dos conselhos interministeriais.

A vitória nas urnas, marcadas por uma grande união de partidos sinaliza que diversos setores da sociedade brasileira disputarão os rumos do governo e da ação política e institucional do país, nesse sentido é fundamental a formulação e permanente mobilização dos jovens e do movimento estudantil brasileiro e dos setores progressistas da sociedade, na disputa da agenda do país, que se marque notadamente por uma agenda de direitos, tendo no centro da reivindicação o direito à educação pública, gratuita e de qualidade, que seja capaz de emancipar e preparar o povo brasileiro, para construir um país e uma sociedade, cada vez mais altiva.

13 BANDEIRAS PARA DAR A VOLTA POR CIMA NA UNE

Reconstruir o Brasil com Lula!

Defesa das estatais, do bem viver e da nossa soberania nacional;

Universidade pública, gratuita e de qualidade! Com autonomia universitária, liberdade de cátedra e valorização dos profissionais da educação;

Manutenção das cotas de ações afirmativas nos processos seletivos com regulamentação do uso de nome social em todas as burocracias universitárias.

A aplicação do PNAES e 10% do pré-sal para a saúde e educação;

O fim das mensalidades abusivas nas universidades privadas;

O perdão das dívidas do FIES;

Assistência estudantil em todas as instituições do país, regulamentando as políticas de permanência nas universidades privadas, estaduais e federais;

Políticas de assistência para alunos PCDs! Precisamos de acessibilidades nos espaços físicos e também nos virtuais;

Combate a todas as formas de opressões, preconceitos e violência. Na luta por uma sociedade antirracista, feminista e contra a LGBTQIA+fobia;

Pela cultura de paz e repúdio à violência nas Instituições de Ensino;

Derrubar os interventores de Bolsonaro

DEFESA IRRESTRITA DE UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS!

OS BRASIS QUE QUERO VER

*Kizomba

Ô abre alas para os Brasis que queremos ver!
*Pela nossa independência
e revolução popular
o povo faz história enquanto continua a marchar
construindo um Brasil feito por outros mil
que reverbera em uma luta de multidões
onde nossos gritos se unem
ecoando o orgulho de viver a revolução que surgirá pelo povo
e construirá os brasis que queremos ver
com protagonistas mulheres, povos originários, negros e negras, LGBTI+
É por nós que estamos aqui
contaremos e transformaremos à história que à história não contou
é na luta que a gente se encontra
e no combate nossa voz não falha
o grito é dos excluídos ao provarmos em alto e bom som:
quando o povo se junta o poder se espalha!*

A Kizomba é um movimento de juventude organizado nacionalmente que pauta uma nova cultura política orientada para a luta democrática, socialista, feminista, antirracista, antiproibicionista e antiLGBTfóbica. Somos jovens de todo o país que acreditam em um projeto político democrático e popular, com o objetivo maior de fazer da universidade um instrumento de transformação social. Nascemos em 1999 como uma tese organizada para o 46º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), eram tempos de resistência ao neoliberalismo e às medidas privatizantes do governo FHC. Buscamos transformar o Movimento Estudantil, muito burocrático e verticalizado, e propor uma cultura política que tratasse os estudantes como sujeitos de suas lutas e colocasse a UNE em contato com as suas bases, a tornando mais democrática e irreverente.

CONJUNTURA:

Com a vitória democrática e a eleição do governo Lula a partir da unidade e mobilização dos movimentos sociais e populares, um novo período histórico se abre. Com ele, a possibilidade para as transformações estruturais e necessárias de reconstrução de nosso país. No entanto, a ameaça da extrema direita que executou Marielle segue sendo um fenômeno social relevante, tendo em vista a tentativa de golpe do dia 08 de janeiro, e os ataques fascistas que temos visto em escolas e universidades, fruto da política de ódio bolsonarista e da militarização da vida. Para que episódios como esses não se repitam, é preciso investigar e responsabilizar todos os financiadores e articuladores dos atentados antidemocráticos, Bolsonaro e sua família precisam ser responsabilizados. Sua inelegibilidade é um primeiro passo para isso e um importante marco democrático. Agora é preciso unir a esquerda num projeto de disputa política e ideológica do país, com organização de base. Compreendemos que só um processo de participação popular enraizado garantirá a força necessária para efetivar mudanças concretas em nosso país. Por isso, acreditamos na implementação de mecanismos de participação efetivos para que o povo seja protagonista dessa construção.

A EDUCAÇÃO COMO PEÇA CHAVE PARA UM BRASIL À ALTURA DE NOSSOS SONHOS

Para esse momento, é urgente a reversão dos retrocessos político-sociais vivenciados nos últimos períodos de avanço do neoliberalismo e autoritarismo no Brasil e no mundo. Não há como avançar no debate educacional, e assim na democratização do acesso ao ensino superior de qualidade enquanto estudantes possuírem condições precárias de vida e trabalho.

Vimos de um período pandêmico, em que se observou um enorme processo de evasão e trancamento de matrículas tanto nas faculdades particulares como nas públicas. Isso também devido ao desmonte no financiamento público das Universidades, que afetou substancialmente as políticas de assistência e permanência estudantil, em que muitos e muitas tiveram que largar seus estudos para trabalhar e ajudar no sustento financeiro de suas famílias. Os Tsunamis da educação, a derrota do Future-se, a Campanha Fora Bolsonaro, as campanhas de solidariedade e as mobilizações contra o Novo Ensino Médio nas universidades nos mostraram que os/as estudantes querem entrar, permanecer e produzir conhecimento científico para contribuir com o desenvolvimento social, político e econômico de nosso país.

Queremos uma educação cada vez mais democrática e pintada de povo, para isso defendemos:

- PNAES vire lei, atendendo do ensino médio à pós-graduação;
- Permanência e ampliação da política de cotas;
- Universidades livres de violência, com espaços institucionais apropriados para tratar estes casos;
- Ensino, pesquisa e extensão em todas as instituições de ensino;
- Fim do aumento da mensalidade acima da inflação;
- Descolonização dos currículos: pela valorização dos diversos saberes.
- Fim dos 40% EAD no ensino presencial nas instituições de ensino superior privado.

MOVIMENTO ESTUDANTIL:

Neste último período, o movimento estudantil brasileiro exerceu um papel fundamental para a eleição de Lula à Presidência da República. Contudo, a disputa pela hegemonia no Brasil entre setores progressistas e da extrema-direita, e em todo o Mundo, não se encerra com os processos eleitorais. É tarefa do Movimento Estudantil liderado pela UNE organizar as bases estudantis, nos CAs, DAs e DCEs, para essa disputa política e ideológica de projeto de sociedade e de educação, centrada nos interesses do povo brasileiro. A eleição de Lula apresenta também a UNE um já conhecido paradigma para os movimentos sociais: ou trilhamos o caminho da institucionalização, nos acomodando em cargos e relações com o governo, ou aproveitamos a oportunidade política de um governo democrático-popular para a construção junto às bases de uma fortalecida agenda programática e de mobilização. É neste segundo caminho que apostamos e reafirmamos a UNE, para assim atuarmos em prol da consolidação de uma unidade programática da esquerda, que consiga alterar a correlação de forças a nosso favor e disputar os rumos do Governo Lula. Por uma UNE que fortaleça seus espaços de formulação: EME, ENUNE e Encontro LGBT, assim como de diálogo com as bases: Coneb e Coneg.

MAIS PROPOSTAS PARA O 59º CONGRESSO DA UNE:

- Melhoria na infraestrutura das instituições de ensino superior público;
- Em defesa da autonomia universitária: pelo fim da lista tríplice - reitor(a) mais votado(a) deve ser nomeado!
- Ampliação do orçamento para educação pública;
- Criação e obrigatoriedade da política de cotas para estudantes indígenas, quilombolas, travestis e transexuais em todas as instituições de ensino superior;
- Implementação de creche universitária em todas as instituições de ensino superior: pela alteração do Decreto 977/1993 já!
- Obrigatoriedade de pelo menos um espaço presencial de atendimento aos estudantes de ensino de EAD por cidade polo;
- Criação dos fóruns de assistência estudantil : que se debata e fiscalize as políticas de assistência estudantil, localmente e nacionalmente;
- Criação de orçamento participativo nas instituições de ensino superior e por mais transparência nas contas das universidades privadas;

- Regulamentação do Ensino Superior Privado;
- Pelo reajuste das bolsas em todas as instituições de ensino;
- Estabelecer o CONEB como encontro obrigatório na UNE;
- Criação de comitês estudantis de participação política nas universidades, que possam formular junto com a UNE uma proposta robusta dos estudantes para a educação brasileira e para o País;
- Manutenção da UNE nas lutas sociais de rua, com autonomia e cada vez mais presente nos espaços de participação social na reconstrução do Brasil.

DISPUTAR O PRESENTE SEM MEDO DE TRANSFORMAR O FUTURO

*Juventude Sem Medo

Somos a Juventude Sem Medo, em nosso 3º CONUNE apresentamos uma síntese coletiva assinada pelos movimentos nacionais: RUA-Juventude Anticapitalista, Afronte!, Manifesta, Fogo no Pavio, Brigadas Populares e Travessia. Atuamos na Frente Povo Sem Medo desde a sua fundação, lutamos contra o golpe de Temer, contra o governo Bolsonaro e construímos a campanha de Lula. Nosso programa parte da plataforma “Direito ao Futuro”, com movimentos sociais e o PSOL, nosso principal aliado.

1. SEM ANISTIA E POR UM PROGRAMA POPULAR

A ascensão da extrema-direita é um fenômeno intrínseco à crise do capitalismo, enquanto esgota-se a capacidade da governabilidade liberal, o descontentamento social é canalizado em movimentos autoritários. Combater a estrutura de poder dos 1% e enterrar o neofascismo e suas ideias elitistas, racistas, xenófobas, misóginas e lgbtfóbicas no mundo todo é nossa tarefa.

No Brasil, o primeiro passo foi dado: tiramos Bolsonaro. No entanto, o país continua polarizado e o bolsonarismo segue engajado, como vimos no atentado golpista ou no legislativo, onde criminalizam movimentos sociais, como na CPI contra o MST.

O bolsonarismo também pressiona a agenda econômica junto do mercado, que encontra eco em setores da coalizão do governo, seguindo o modelo neoliberal de impor travas ao desenvolvimento social. Se, por um lado, o combate à taxa de juros criminoso é um acerto do governo - encampado pelo movimento - o novo Arcabouço Fiscal compromete investimentos sociais, com efeitos que minam o apoio popular ao governo no médio prazo.

Para recuperar os direitos das majorias, é preciso enfrentar os interesses dos de cima. Se não avançarmos em políticas estruturais - como a reforma tributária progressiva com taxação das grandes fortunas - vitórias fundamentais como o reajuste do salário mínimo, das bolsas de pesquisa, o Minha Casa Minha Vida, entre outras, se fragilizarão.

Chegou o momento de propor um projeto de desenvolvimento que aponte para justiça climática, matrizes energéticas renováveis e a superação do racismo ambiental. É urgente a demarcação das terras indígenas. Assim como, devemos enfrentar o racismo estrutural, combatendo o genocídio da juventude negra, com a desmilitarização da polícia e políticas antiproibicionistas. Lutaremos por emprego decente, pelo bem-viver, onde possamos existir e amar como a gente quiser!

2. POR UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA, ANTIRRACISTA E UNIVERSAL

É hora de avançar por uma agenda propositiva na educação. Para tal, a primeira barreira é o acesso. Enquanto nossos vizinhos possuem acesso universal, no Brasil uma vaga é privilégio. Dentre as poucas vagas, cerca de 88% estão em IES privadas. É preciso regulamentar e garantir a qualidade do ensino privado - pelo fim do 40% de EAD no presencial - da mesma forma, defender o FIES e o PROUNI em caráter imediato. Porém, não podemos aceitar programas transitórios como estruturantes, deixando nas mãos dos tubarões de ensino e do capital aberto o controle da maioria das vagas.

A Reforma Educacional que queremos deve pautar uma política de transição de vagas do ensino privado para o público, invertendo a desproporção. Para que o filho do pobre, acesse cada vez mais as universidades públicas. Uma reforma que aprofunde a democracia nas universidades e amplie a inclusão, com manutenção das cotas raciais e sociais, com expansão para cotas trans, além de maior acessibilidade para PCDs.

Acreditamos que as universidades devem servir à soberania nacional e à cooperação entre os povos. Para tal, devemos rever as bases epistemológicas curriculares. Por fim, devemos nos desfazer da herança do Temer-Bolsonaro, revogando o “Novo Ensino Médio” de vez, com uma

nova reforma democrática.

3. POR UMA UNE INDEPENDENTE, COMBATIVA E DEMOCRÁTICA

Durante o período do ensino remoto, muitas entidades perderam a dinâmica. Ao mesmo tempo, o ME construiu campanhas de solidariedade, criando redes de distribuição de alimentos e suprimentos entre a base e comunidades. Queremos uma nova geração da UNE com a cara do tsunami da educação e o método das ações de solidariedade. Para tal, a UNE não pode cair em equívocos de outrora, quando serviu como correia de transmissão de políticas do MEC. A relação da entidade com o novo governo deve ser de independência - diálogo e pressão. Nossa tarefa é colocar a UNE à serviço de uma nova correlação de forças, do chão das universidades às ruas. Construir campanhas próprias e unidade com os movimentos sociais, frentes, sindicatos e partidos.

- Por uma nova cultura política! Por um ME capaz de incorporar e fortalecer o que vem de baixo;
- Por mais espaços da UNE com as entidades de base. Por CONEBs bienais;
- Por transparência e compartilhamento do conselho fiscal, conselho editorial e política de comunicação da UNE;
- Pela priorização do EME, Encontro LGBTQs e ENUNE;
- Pela construção do II Encontro de Estudantes da Amazônia;
- Recompôr os espaços institucionais de participação social, conselhos e conferências governamentais.

O BRASIL PRECISA DE NÓS: MENOS PARA OS BANCOS, MAIS PARA A EDUCAÇÃO

*Mutirão

Dia 01 de janeiro, Lula tomou posse e encerrou os 4 anos de Bolsonaro no poder. A marca daquele desgoverno foi o sofrimento do nosso povo, Bolsonaro atentou contra a nossa democracia, deixou o Brasil em profunda crise econômica e social, com recordes de desemprego, inflação, endividamento e fome. Durante a pandemia, o que vimos do governo Bolsonaro foi o negacionismo e corrupção, que sabotou a vacinação, todas as medidas de restrições e o auxílio emergencial, o resultado foram quase 700 mil vidas brasileiras perdidas para a Covid-19.

A vitória de Lula foi uma vitória do povo, dissemos um basta aos anos de sofrimento, e é importante destacar o papel da frente ampla. Os apoios de Tebet, Serra, FHC, João Amoedo, entre outros, demonstraram o acúmulo de forças para derrotar nas urnas o fascismo de Bolsonaro, unidade que precisa ser mantida e será fundamental na sustentação da democracia.

Logo após o segundo turno, começaram os atos antidemocráticos dos bolsonaristas, piquetes em frente aos QGs do Exército e nas estradas, em dezembro tentaram invadir o prédio da PF e explodir um caminhão de combustível em Brasília. Tudo inflamado por um discurso de Bolsonaro de atacar sem provas o resultado das eleições. O desfecho foi o que vimos dia 08 de Janeiro, onde o Brasil todo assistiu e condenou os atos criminosos e golpistas bolsonaristas em Brasília.

É verdade que todos esses atos antidemocráticos isolaram ainda mais o bolsonarismo na sociedade, mas além de derrotar essa corja fascista, precisamos reconstruir o Brasil, precisamos exigir investimentos pesados na educação, saúde e na industrialização garantindo emprego, renda e comida na mesa do povo. Para isso, uma das medidas fundamentais vai ser estancar a sangria que é o repasse aos bancos e fundos de investimentos. Somente em 2022, por exemplo, foram repassados mais de 700 bilhões de reais ao setor financeiro, através de juros da dívida pública.

A taxa real de juros do Brasil, descontada a inflação, é a maior do mundo e os economistas dos mais diversos pensamentos ideológicos defendem a redução. Mas em sua última reunião, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) decidiu por manter a taxa, o argumento principal é o controle da inflação, afirmando que é causada pela demanda. Na verdade é justamente o contrário, a indústria está com produção em queda e gigantes varejistas quebrando, o consumo diminuiu, com 78% das famílias endividadas e sem poder de compra. O arcabouço fiscal apresentado pelo governo, por mais que um avanço em relação ao teto de gastos anterior, é insuficiente para os investimentos que o país precisa, por isso é necessário aumentar a pressão pela redução das taxas de juros e transformar o lucro dos rentistas em investimento público. É diante deste cenário que estudantes do Brasil inteiro estão se organizando para participar do Congresso da UNE. A defesa da democracia e a reconstrução do Brasil não são tarefas fáceis, por isso precisamos estar cada vez mais fortes e organizados, porque o Brasil precisa de nós!

AINDA É POUCO: EU QUERO É MAIS

*Movimento Juntos!

NÃO QUEREMOS O FIM DO MUNDO E SIM, DO CAPITALISMO!

A saída da burguesia para a crise por todo o mundo tem se dado a partir de um avanço na política econômica neoliberal, num cenário em que se apresentam saídas autoritárias para a crise a partir de líderes de extrema direita, e através da intensificação dos conflitos geopolíticos, como é o caso da invasão russa na Ucrânia.

No Brasil, Bolsonaro foi a síntese deste movimento. Durante 4 anos, assistimos ao genocídio do nosso povo, o ataque sistemático à educação, a destruição do meio-ambiente, e o retorno do Brasil ao mapa da fome. Derrotar Bolsonaro nas urnas foi uma das principais tarefas que a nossa geração já viveu. Apesar disso, não podemos ter ilusões. Sabemos que o novo governo Lula será marcado pela busca de conciliação e não irá à raiz dos problemas que enfrentamos. O movimento estudantil deve defender o governo Lula dos ataques da extrema direita, mas manter uma relação de independência para levar até às últimas consequências as nossas pautas. Precisamos seguir mobilizados e ocupar as ruas para derrotar de vez a extrema direita e exigir a punição por seus crimes. Exigir a prisão de Bolsonaro e seus cúmplices é nossa bandeira mais urgente.

E NÓS, JOVENS E ESTUDANTES?

Nossa geração cresce sob a tônica do desmonte de direitos, da uberização do trabalho e de uma emergência climática. Esta tentativa permanente do neoliberalismo de individualizar as crises e os fracassos está refletida em uma geração com números recordes de diagnósticos de adoecimento mental. Precisamos lutar por nenhum emprego sem direitos e por uma educação não mercantilizada.

A SITUAÇÃO E A LUTA NAS NOSSAS UNIVERSIDADES

Nós do Juntos fomos linha de frente na negação do projeto autoritário de Bolsonaro construindo o Tsunami da Educação para defender nossas universidades dos cortes. Os 10 anos da Lei de Cotas são um marco que transformou as universidades públicas. A luta pela popularização das universidades passa não só pela democratização do ingresso através da ampliação do acesso via SISU nas universidades, mas também a defesa das cotas e cotas trans, além de uma política efetiva de permanência estudantil e da recomposição orçamentária das universidades.

É necessário demarcar que também não aceitamos nenhum projeto de privatização nas universidades públicas como vimos com o avanço acelerado dos tubarões da educação, bem como o avanço do Ensino à distância (EaD). Lutamos pelo fim dos 40% de EAD no ensino presencial! Apesar de conquistas democráticas importantes, temos nítido que a universidade brasileira ainda serve aos interesses da classe dominante. Nesse sentido também jogamos todas as nossas energias para que a reforma do ensino médio seja revogada, pois já tem se comprovado na prática que trata-se de um projeto construído de cima para baixo, que só está à serviço da precarização da escola pública.

AINDA É POUCO, QUEREMOS MAIS!

Apenas com a nossa mobilização permanente, construindo unidade dentre os mais diversos setores da sociedade, demonstrando que nós, movimentos sociais, dos estudantes, da classe trabalhadora somos quem deve ditar os rumos das ruas que vai ser possível derrotar a extrema-direita. Por outro lado, o projeto de conciliação de classes, expresso hoje no governo Lula-Alckmin, já nos levou a diversas derrotas, e, mesmo que tenha sido fundamental para a derrota eleitoral de Bolsonaro, a frente ampla de Lula representa um projeto de reoxigenação de um regime político já apodrecido. Precisamos ir além e construir um Brasil que nunca existiu. Para isso é fundamental que tenhamos uma esquerda radical e independente que não

tenha medo de apresentar nossas reivindicações e levantar as nossas bandeiras com firmeza, mas que também busque ter amplitude de maioria social para influenciar na realidade. Por isso apostamos na relação com o PSOL, como um partido necessário para a esquerda anticapitalista e internacionalista.

E PARA ISSO, QUAL UNE QUEREMOS?

Entendemos que, depois de mais de uma década de gestões muito limitadas a transmitir a política dos governos Lula e Dilma para os estudantes, a UNE se localizou como uma referência importante na luta contra as políticas dos governos Temer e Bolsonaro. Ao mesmo tempo, seguiu sendo profundamente antidemocrática e fechada aos interesses de sua direção. Neste novo momento, marcado pela derrota do Bolsonaro sem ainda uma derrota definitiva da extrema direita, entendemos que a UNE precisa se posicionar de maneira independente do Governo Lula. Para isso, é necessário apostar no método da mobilização permanente, não só nas grandes datas de luta, mas também no cotidiano das universidades. Da mesma maneira, a UNE precisa se democratizar, seja na sua diretoria, com discussões mais permanentes e mais transparência do seu funcionamento, seja na base do movimento estudantil, convocando os estudantes a participarem da entidade não somente a cada dois anos.

BRASIL PRA QUEM?

*Movimento Reinventar

Darcy insistia sempre à juventude brasileira que nós temos uma tarefa difícil, construir as bases e estruturas para edificar o Brasil, juntando tudo que conseguimos pensar e produzir diante da magnífica civilização tropical que fundamos à base do sangue, luta e miscigenação nos trópicos do mundo.

Darcy sempre nos alertou e ensinou que não basta a formação do Brasil como se deu, se o produto dela, que somos hoje, não nos investirmos na responsabilidade de construir o Brasil que há de ser. A nova Roma do mundo. A grande questão que se impõe é que a exuberância do Brasil e do povo brasileiro é diretamente proporcional com as mazelas que os poderosos interesses das metrópoles do capitalismo buscam impor à nossa pátria.

Brizola, desde jovem Governador, lutou por um Brasil soberano, independente de direito e de fato. Desde a Campanha da Legalidade às Brizoletas, mais tarde com CIEPs, o líder conduziu a nação ao Brasil que há de ser! Investir na educação para construir uma nação emancipada, que entenda os caminhos de um Brasil soberano.

Assim como Brizola o fez diversas vezes, hoje, damos o primeiro passo para fora do atoleiro que meteram o Brasil. Na verdade, a derrota de Bolsonaro nas urnas foi um pequeno passo diante da missão que será cuidar do Brasil.

Por isso, o futuro bate à nossa porta! Somos convocados para fazer o que as gerações anteriores não conseguiram: retomar o fio da história e reinventar a forma que o Brasil funciona, para que passe a servir a seus filhos. Como Darcy dizia, nós estudantes, por natureza, trazemos sempre debaixo do braço as maiores inspirações do povo brasileiro, movidos pela urgência dos que enxergam a exploração que nos assola, a dependência que nos impõe e se recusam a se entregar sem peleja.

A conjuntura nos força a vestir nossa responsabilidade. Os estudantes sempre estiveram presentes nas encruzilhadas do Brasil. Dessa forma, precisamos caminhar rumo ao que queremos pro país – rumo ao Brasil que nós sonhamos.

Com toda certeza, por via das urnas, enxotar Bolsonaro e sua corja que odeia o Brasil e o povo brasileiro foi um capítulo importante, mas agora é hora de colocar a cabeça no lugar, a bola no meio do campo e refletir sobre o que significa esse novo episódio.

O que queremos dessa oportunidade histórica? Basta reconstruir o Brasil ou realmente precisamos reinventá-lo? Como anda nossa gente sofrida? Como avançar pro Brasil que queremos, para rumar à democracia econômica e à justiça social plena, pro apogeu dessa magnífica civilização tropical?

Desde que as políticas neoliberais se aprofundaram no Brasil, a partir de 2014, e triunfaram com o golpe de 2016, o Trabalho trazia a urgência de um debate de nação. Os trabalhistas, revigorados e renovados, bradaram aos quatro cantos a necessidade de um projeto para o Brasil, fazendo um diagnóstico da nossa história, identificando os problemas latentes da nossa economia, instituições e sociedade e, sobretudo, oferecendo uma saída corajosa, popular, nacionalista e à esquerda.

Infelizmente, o sequestro do debate público nos últimos anos, patrocinado por importantes interesses econômicos do mercado financeiro, prendeu o país a discussões meramente superficiais, impossibilitando nossa nação de discutir o futuro do Brasil de fato. Na beira do precipício, o povo brasileiro investiu ao novo governo, eleito com a ajuda dos Trabalhistas, o dever

de resgatar o país do fundo do poço que foi desgoverno trágico de Bolsonaro.

Mesmo assim, as baixas expectativas que os brasileiros nutriam diante do descalabro da crise, baixas expectativas de melhoras efetivas a curto prazo, de melhorias das condições reais do povo, enfrentam a resistência do mercado financeiro às mudanças emergenciais. Assusta a força que os interesses dos poderosos financistas mantêm nos corredores do Executivo federal. Como foi vista na pressão exercida contra o Min. Carlos Lupi, da Previdência, em sua luta contra os juros abusivos aplicados sobre os aposentados. A postura do governo até então tem sido a de um simples mediador entre os que têm fome e os que têm grana. Lembramos: quem tem fome, tem pressa!

SABEMOS, ESSE GOVERNO FOI ELEITO PARA A MISSÃO DE RECONSTRUIR O BRASIL. POR ISSO, AGORA É O MOMENTO DE NOS QUESTIONAR:

Vamos “reconstruir” o BRASIL PRA QUEM?

TESE MOVIMENTO PARTICIPA

*Movimento Participa

Estamos passando por um período de reconstrução do nosso país, depois de 4 anos de prejuízo econômico, negacionismo e irresponsabilidade do antigo governo, precisamos pensar na participação do jovem na política principalmente por meio do movimento estudantil. A baixa representação jovem na política é uma questão importante e que afeta a democracia e o desenvolvimento do nosso país. Infelizmente a baixa representação do jovem na política, incluindo a falta de confiança nas instituições políticas, falta de oportunidades para se envolver e a falta de acesso à educação política, tem sido barreiras para o interesse juvenil, precisando assim de medidas específicas para incentivar o envolvimento e a participação dos jovens em processos políticos.

É preciso criar medidas específicas para incentivar o envolvimento e a participação dos jovens em processos políticos e com isso transformar a política em uma ferramenta essencial para a mudança social, onde os jovens podem lutar por questões importantes como direitos humanos, igualdade de gênero, meio ambiente e justiça social. Os jovens são uma parte significativa da população, e, portanto, devem ser representados na política. Pensando nisso, construímos o Movimento Participa, que visa justamente a participação dos jovens na política e enxerga que ela é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária.

Entre as nossas principais bandeiras estão:

PELA RECOMPOSIÇÃO ORÇAMENTÁRIA DAS IF e UFs: Defendemos que haja uma recomposição orçamentária significativa nas Universidades e Institutos Federais, a fim de que consigamos cumprir os princípios constitucionais e fornecer uma educação antirracista, anticapacitista, feminista, não LGBTfóbica, de qualidade, com equidade e gratuita a todos os/as brasileiros/as.

QUEREMOS ENTRAR E PERMANECER: Defendemos que seja construída junto aos estudantes uma Lei Nacional que amplie e substitua as diretrizes do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), visto que ele cumpre seu papel social, mas não é capaz de comportar todas as necessidades dos estudantes, tais como: Moradia estudantil e Restaurante Universitário (com café da manhã, almoço, café da tarde e jantar) gratuito para todos/as os/as estudantes.

PASSE LIVRE ESTUDANTIL IRRESTRITO JÁ: Defendemos que seja construída junto aos estudantes uma Lei Nacional que implemente o passe livre estudantil irrestrito a todos os municípios brasileiros cujo os recursos para subsidiá-lo venha do Governo Federal.

PESQUISAR É TRABALHO: Defendemos que seja construída junto aos estudantes uma Lei Nacional que implemente o reajuste anual das bolsas CNPQ acima da inflação para que tenhamos a valorização dos pesquisadores brasileiros, visto que a grande maioria são estudantes e que se mantém estudando apenas com o valor recebido de sua bolsa.

COTA NÃO É ESMOLA: Defendemos a institucionalização da Lei de cotas permanente no que tange a cota social (renda e oriundos de escolas públicas) e a cota racial (pessoas pretas, pardas e/ou indígenas). Além da implementação imediata da cota trans, visto que 58% das pessoas trans no Brasil são pretas e moram nas periferias.

Nossos ideais estão baseados no socialismo democrático que combina os princípios do socialismo e da democracia, buscando garantir a igualdade social e econômica por meio da redistribuição de riquezas e da participação democrática de quem mais necessita, defendendo assim uma criação de sistemas de saúde e educação pública, universal e gratuita, com a promoção de políticas de proteção social e a redistribuição de renda e riqueza.

Sendo assim, se você for um jovem interessado em contribuir para o bem comum, acredita e entende a importância das temáticas acima e considera participar da política para fazer a sua voz ser ouvida? Então seu lugar é no Movimento Participa!!

ÊTA POVO PRA LUTAR

*Coletivo Luta

Somos um coletivo de jovens que atuam nos movimentos sociais e populares, em especial no movimento estudantil secundarista e no movimento estudantil universitário, construindo as entidades municipais, estaduais e nacional.

Estivemos nas ruas contra o Golpe de 2016, o qual destituiu a legítima presidente eleita, Dilma Rousseff, através de um impeachment sem base legal, e abriu as portas para o governo ilegítimo de Temer. Lutamos também contra a prisão injusta e sem provas do presidente Lula, o principal candidato às eleições presidenciais de 2018. Esse cenário foi decisivo para a ascensão e eleição do neofascista Jair Bolsonaro que embalado por um discurso ultraconservador representou um aprofundamento do programa antipovo e neoliberal.

Nós, jovens, estudantes, trabalhadores (as), mulheres, LGBTQIAPN+, negros (as), ribeirinhos, quilombolas e indígenas, fomos os principais alvos dos ataques do desgoverno Bolsonaro. Ele impôs uma agenda autoritária, de recessão e perseguição às minorias e aos movimentos sociais.

Nesses quatro anos de desgoverno, a educação sofreu inúmeros ataques, tais como o corte orçamentário nas universidades, intervenção nas escolhas das reitorias e dos institutos federais, redução dos programas de bolsas de pesquisa, perseguição aos estudantes, atraso na aprovação do FUNDEB e o sucateamento do ENEM.

Foram mais de 700 (setecentas) mil vidas perdidas durante a pandemia. Milhares delas poderiam ter sido evitadas, caso Bolsonaro e seus ministros não tivessem propagado “fake news”, sido omissos quanto a gravidade da epidemia e sim, agido de forma ágil e responsável na busca por imunizantes devido a gravidade da situação que se instalou por todo planeta.

As eleições de 2022 foram uma grande batalha entre um amplo campo democrático e a máquina estatal, que fortaleceu a base neofascista e golpista do bolsonarismo. A eleição do presidente Lula foi uma vitória importante, apesar de um resultado apertado.

Foi a primeira vez em que um presidente em exercício não obteve a reeleição, e a segunda consecutiva em que o candidato derrotado questionou o resultado das urnas. Não podemos nos esquecer que em 2014 Aécio Neves também pediu recontagem dos votos, trazendo desconfiança às urnas eletrônicas. Apesar da tentativa de contaminar a sociedade com desconfiança quanto ao processo eleitoral, o novo presidente eleito foi imediatamente reconhecido por líderes mundiais, e o Tribunal Superior Eleitoral confirmou o resultado, consolidando o reconhecimento das instituições à eleição de Lula.

Enquanto isso, a base eleitoral de Bolsonaro ameaçou fechar as estradas de todo o país, montou acampamento em frente aos Quartéis do Exército, em um movimento nitidamente golpista, que culminou na tentativa de golpe aos três poderes constituídos da República - Supremo Tribunal Federal (STF), Congresso Nacional e o Executivo Federal, que culminou no fatídico dia 8 de janeiro deste ano, com o intuito de tentar um novo golpe.

Uma nova página da história do Brasil se iniciou com o novo governo de Lula, nesses primeiros seis meses tivemos avanços importantes, como a volta de políticas públicas que foram extintas pelos golpistas e neo-fascistas do governo anterior e que começaram a ser restabelecidas.

O Brasil começou a recuperar sua felicidade, mas ainda há muito trabalho a ser feito. Precisamos lutar até a derrota da reforma do novo ensino médio que somente será possível com um Movimento Estudantil mobilizado e organizado, fortalecendo as lutas nas universidades em

conjunto com centros acadêmicos, diretórios acadêmicos e diretórios centrais dos estudantes, assim auxiliando assim o governo do presidente Lula a fortalecer a educação brasileira e superar os desafios impostos pelos governos anteriores.

Precisamos também cobrar o Governo Federal para que implemente em sua integralidade o Plano Nacional de Educação aprovado em 2014, construído através de muita luta popular dos movimentos educacionais brasileiros que representou uma das maiores conquistas das últimas décadas, pois previa que em um período de 10 (dez) anos o Brasil passaria a investir 10% do PIB em educação, com os recursos provenientes de 75% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal que seriam revertidos para a educação.

Todavia, essa expectativa com relação à ampliação dos recursos para a educação não se concretizaram, uma vez que com o golpe parlamentar de 2016, o governo Temer mudou a política de participação na exploração de petróleo da Petrobras que por sua vez atingiu em cheio os recursos que seriam destinados à educação através dos royalties e do fundo social, nessa mesma, toada o governo Bolsonaro deu seguimento ao projeto de destruição da educação inviabilizando quaisquer avanços nas metas do PNE.

Nesse sentido, nós do Coletivo Luta compreendemos que a UNE precisa fazer uma profunda discussão e ter efetiva participação na construção do novo PNE, garantindo os 10% do PIB para Educação, pois somente assim teremos uma educação de qualidade.

UM NOVO DIA VAI RAIAR

*Movimento Popular da Juventude

“Às vezes a felicidade demora a chegar. Aí é que a gente não pode deixar de sonhar. Guerreiro não foge da luta e não pode correr. Ninguém vai poder atrasar quem nasceu pra vencer.” Tá Escrito - Grupo Revelação.

O Brasil tem uma nova chance com a eleição do Lula, que representa a esperança de reconstruir o país após os problemas causados pelos governos de Temer e Bolsonaro. O golpe contra Dilma iniciou o desmonte dos direitos do povo, como a PEC do Teto de Investimento, a “Ponte para o futuro”, as reformas trabalhista e da previdência buscaram reimplementar o neoliberalismo no Brasil e beneficiar os mais ricos em detrimento da população.

A soberania nacional foi violada, empresas estratégicas foram vendidas, como Eletrobras e Petrobras, e as desigualdades se aprofundaram. A atuação do governo Bolsonaro na pandemia agravou a crise econômica, social e sanitária do país. A atmosfera do governo fortaleceu o fascismo e dividiu a população.

O desmonte do Estado e a militarização, juntamente com a criminalização da política, fortaleceram o campo bolsonarista, que atendeu aos interesses dos mais ricos. Apesar disso, a viabilidade eleitoral de Bolsonaro foi desafiada pela resistência e mobilização contra os desmontes e ataques à democracia. Lula conseguiu provar sua inocência e sua vitória sobre o bolsonarismo abre espaço para um novo rumo para o país.

No setor da educação, os últimos anos foram difíceis, com cortes e sucateamento promovidos pelo governo Bolsonaro. As universidades sofreram ataques à sua autonomia e cortes de orçamento. É necessário retomar os avanços conquistados durante os governos de Lula e Dilma, ampliando o acesso ao ensino superior e garantindo condições reais para a construção de uma educação popular.

Precisamos garantir a expansão das universidades e dos números de vagas através do REUNI 2.0 e a ampliação e fortalecimento da assistência estudantil com a transformação do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAS) em lei com previsões orçamentárias que sejam fixadas constitucionalmente. O programa Ciência sem Fronteiras deve ser retomado e expandido para todas as áreas de conhecimento. A regulamentação das instituições de ensino privadas com o INSAES para fiscalizar e avaliar as instituições privadas, além da ampliação do PROUNI e FIES.

Necessitamos construir a conexão entre a universidade e o mercado de trabalho como medida central para solucionar o problema dos estudantes formados que não encontram oportunidades para desenvolver suas carreiras.

O movimento estudantil tem desempenhado um papel fundamental nas lutas por justiça social no Brasil, resistindo à ditadura militar, defendendo as cotas e a educação pública, e lutando contra o golpe contra Dilma e a prisão de Lula. Durante os quatro anos de governo Bolsonaro não saímos das ruas, e principalmente, não deixamos de ter esperança de um outro Brasil, um Brasil distante da pobreza, desigualdade, da miséria, da fome e da violência.

A União Nacional dos Estudantes tem papel central nas lutas por direitos dos universitários de todo o país, precisamos de uma entidade que se aprofunde no dia a dia das nossas universidades, desde o centro acadêmico, passando pelas atléticas e empresas juniores, pelos coletivos de mulheres, negros e LGBTQIA+ até o Diretório Central dos Estudantes.

O Movimento Popular da Juventude convoca todos os estudantes para construção de uma nova agenda para educação que contribua para o desenvolvimento social e econômico do nosso país. VEJA NOSSA TESE COMPLETA EM: <https://linktr.ee/MPJBRASIL> OU @MPJBRASIL

UM GRANDE SALTO ADIANTE

*Movimento Enfrente

Nascemos em 2019, em Salvador-BA, terra da revolta dos Malês, terra que respira e inspira luta. Nascemos dos sonhos e lutas de estudantes trabalhadores brasileiros: mulheres, homens, negras e negros, LGBTI+, quilombolas, indígenas, do campo e da cidade, da capital e do interior. Somos estudantes com a cara do Brasil!

Nós, do Movimento Enfrente!, somos parte da Juventude do PT, e por meio da ciência e prática revolucionária Marxista-Leninista, lutamos em defesa da educação pela verdadeira soberania nacional, popular e tecnológica do nosso país.

Construímos a luta feminista, antirracista e antiLGBTI+fóbica, com horizonte socialista para a revolução brasileira. Defendemos a unidade da classe trabalhadora, no campo e na cidade, representada pela foice, martelo, caneta e pincel.

Sempre estivemos na linha de frente na defesa da democracia. Resistimos ao golpe de 2016 e aos retrocessos do governo fascista e obscurantista de Bolsonaro, sem deixar de colocar a estrela vermelha do lado esquerdo do peito.

Organizamos a nossa luta nos grêmios, CAs e DAs, Atléticas, DCEs, APGs, UEEs, UBES, UNE e ANPG. Defendemos o quadripé universitário – ensino, pesquisa, extensão e permanência –, e que as escolas e universidades são produtores de ciência e de cultura. Sejam centrais na construção de um Brasil soberano, feminista e antirracista. Vamos descobrir com quantos estudantes se faz uma revolução!

Conjuntura

A crise do sistema capitalista mundial abriu frente para o crescimento do neofascismo. Ao depararem-se com seus interesses ameaçados, as elites financeiras mundiais, apostaram em projetos neofascistas que levassem adiante a sua cartilha econômica.

No Brasil, o resultado foi o desmonte de políticas públicas conquistadas no período dos governos populares, como o Bolsa Família. Assistimos os ataques à Amazônia e aos direitos dos povos originários, evidenciados mais recentemente nos casos do povo Yanomami e da comunidade quilombola de Pinhões, e no desmonte das agências de fiscalização.

Diante disso, os estudantes não se calaram. Os Tsunamis da Educação levaram milhões de jovens no país inteiro para lutar contra os cortes nas universidades e institutos federais. Construímos também as jornadas do Fora Bolsonaro. Nos reinventamos na pandemia com diversas mobilizações digitais que derrubaram um Ministro do MEC, adiaram o ENEM, conquistaram a volta do FUNDEB e garantiram o pagamento das Bolsas do PIBID. x

A vitória de Lula não foi comemorada apenas no Brasil. Chefes de Estado se apressaram em reconhecer o resultado do Presidente eleito. Este reposicionamento do Brasil se dá em um momento de intensa disputa geopolítica, com o declínio da posição dos EUA e a ascensão da China em vias de se tornar a maior economia global. A vitória de Lula tem especial importância para blocos contra hegemônicos, como os BRICS e o seu Banco de Desenvolvimento, comandado pela ex-presidenta Dilma Rousseff.

Da mesma forma, é necessário compreender que o bolsonarismo ainda é uma força presente na sociedade. A frente ampla, importante para a vitória eleitoral, também trouxe desafios para a construção de um projeto popular. Não podemos permitir que a classe dominante e o mercado, que elegeram Bolsonaro, pautem o novo governo. Já conquistamos a suspensão da im-

plementação do Novo Ensino Médio, a conquista do reajuste nas bolsas da Capes e do CNPq, a retomada de programas para combate à fome e o retorno do Mais Médicos.

Portanto, nossa tarefa central será mobilizar a juventude para lutar pela revogação do NEM e pela apresentação de um projeto que leve em conta os anseios dos estudantes, a implementação do plano emergencial para o ensino básico, a renovação e ampliação da Lei de Cotas, a defesa da universidade brasileira e do quadripé universitário — pesquisa, ensino, extensão e permanência estudantil. Além disso, precisamos nos manter firmes no combate ao neofascismo.

Um grande salto adiante para a educação brasileira

A educação brasileira sofreu um sucateamento nos últimos 6 anos. O ensino superior desempenha um papel crucial no desenvolvimento intelectual, profissional e social dos indivíduos, além de contribuir para o avanço científico e tecnológico de um país. Para que a educação brasileira dê um salto adiante, é necessário um conjunto de medidas transformadoras.

Primeiramente, é necessário destacar as disparidades regionais e socioeconômicas que comprometem o acesso equitativo à educação em todo o país. Observa-se que existem regiões com maior concentração de instituições de ensino superior e recursos educacionais, enquanto outras enfrentam carências significativas nesse aspecto. É essencial promover programas de capacitação e valorização dos docentes, garantindo que estejam preparados para desenvolver práticas inovadoras de ensino e acompanhar as transformações do mundo contemporâneo.

A assistência estudantil é um elemento fundamental para garantir a permanência e o sucesso dos estudantes no ensino superior. A permanência estudantil envolve a implementação de políticas e programas que visam atender às necessidades básicas dos estudantes, como moradia, alimentação, transporte e acesso a materiais didáticos.

Elas têm como objetivo principal combater a evasão e a desigualdade, proporcionando condições adequadas para que os estudantes possam se dedicar aos estudos integralmente.

Portanto, convidamos todos os estudantes a se juntarem ao Movimento Enfrete!, pois juntos temos o poder de ser agentes de transformação na educação brasileira no ensino superior. É hora de romper barreiras, superar desafios e construir um futuro melhor para todos os estudantes. Acreditamos no potencial da educação e na força dos estudantes para impulsionar essa mudança e dar um salto adiante.

Um grande salto adiante para o movimento estudantil Os anos que antecederam este Congresso nos apresentaram diversos desafios. O mundo foi surpreendido por uma pandemia avassaladora que retirou a vida de milhões de pessoas. No Brasil, diante da conjuntura autoritária, negacionista, construída a partir dos absurdos do Governo Bolsonaro, mais de 700 mil pessoas tiveram suas vidas ceifadas.

A implementação do ensino remoto escancarou o grande abismo social e as disparidades de acesso tecnológico, salientando a enorme exclusão digital existente no país. Esse fenômeno que afeta principalmente as regiões norte e nordeste do país, está relacionado às desigualdades de raça, e uma vez que os principais atingidos são os estudantes negros da periferia, historicamente excluídos do acesso à educação no país. Caminhamos em um cenário de pós-pandemia que em muito se assemelha a um pós-guerra.

Neste ano de 2023, a Lei de Cotas passará por uma revisão no Congresso Nacional. A vigência desta lei não está em questão, mas o seu aprimoramento. Devemos aperfeiçoar a legislação com vistas à melhoria na qualidade da permanência estudantil, no monitoramento, avaliação de metas da política pública. Devemos lutar pela ampliação da lei, a incluir pessoas trans, travestis e quilombolas, aprofundando a inclusão das populações historicamente excluídas do

espaço da universidade. É extremamente importante a construção de comitês em defesa da lei de cotas em cada universidade do país.

O PNAES, em suas dez áreas de abrangência, constitui-se em um importante mecanismo de acesso a direitos sociais básicos do estudante para que ele tenha condições qualificadas de permanência nas instituições de ensino.

Nossa Deputada Federal Dandara Tonantzin (PT-MG), mestre em educação, jovem, mulher, negra e ex-cotista da UFU-MG, será a Relatora da Revisão da Lei de Cotas. Por isso, Dandara e seu mandato têm compromisso com os estudantes e trabalharão ao nosso lado para a ampliação das cotas e a consolidação em lei da política de assistência estudantil no congresso nacional.

Acreditamos na unidade e renovação do Movimento social estudantil, demonstrada nas grandes mobilizações, em defesa da vacinação em massa, pela comida na mesa do trabalhador, em defesa da educação pública, contra os absurdos que ocorreram no ENEM e pelo fim do neofascismo.

É necessário um movimento estudantil aguerrido nas redes, nas ruas, com foco em avançar nas lutas sociais, pela lei de cotas, pelo quadripé universitário, para darmos UM GRANDE SALTO ADIANTE! O NOVO TEMPO É PELA MÃO DOS ESTUDANTES!

ESE UNE É PRA LUTAR!

*UNE é pra lutar

A eleição de Lula consagrou a vitória do povo e da juventude, que estava cansada de tantos retrocessos, perseguição, descaso e cortes na saúde e na educação. Agora é preciso avançar! É necessário utilizar a nossa força, que ajudou Lula a ser eleito, para reivindicar o que nos foi tirado e avançar no que queremos. A começar por restituir os direitos retirados nas reformas retrógradas implementadas por Temer e Bolsonaro (Reforma do Ensino Médio, Trabalhista, etc.). Passando por punir os crimes que foram cometidos no governo Bolsonaro e os generais e empresários que patrocinaram a tentativa de golpe do dia 8 de janeiro.

Para que isso aconteça a UNE precisa articular os estudantes para lutar por seus interesses. No plano internacional, passa por lutar por um cessar-fogo da guerra que devasta a Ucrânia e que hoje é uma ameaça mortal para todos os povos com risco de uma crise mundial sem precedentes desde a 2ª Guerra Mundial. Milhares de jovens como nós são mandados para matar e morrer em uma guerra que não tem nada a ver com seus interesses. É nosso dever lutar para parar esta marcha à barbárie! Queremos paz para o povo russo e para o povo ucraniano. Lula tem razão quando disse que é necessário um cessar-fogo imediato. A UNE deve dizer claramente: pelo fim da guerra e um cessar-fogo imediato!

No plano nacional, a votação do arcabouço fiscal é pauta urgente a ser debatida. Apesar da retirada do FUNDEB, Ciência e Tecnologia e Fundo do DF do Arcabouço, ou melhor dizendo, do calabouço, a questão não está encerrada. O que o governo apresenta hoje é um entrave na luta pela recomposição do orçamento das universidades e pela permanência estudantil. Não ao arcabouço fiscal!

QUEREMOS INGRESSAR E PERMANECER NA UNIVERSIDADE! PELA RECOMPOSIÇÃO DO ORÇAMENTO DA EDUCAÇÃO!

A falta de verba afeta diretamente as bolsas estudantis, segurança, acessibilidade, obras de manutenção, programas de ingresso, entre outras medidas. Para ingressarmos e permanecermos precisamos da ampliação das universidades públicas e das verbas destinadas a essas instituições. Queremos mais financiamento para pesquisa, extensão, bolsas de permanência, pesquisadores, residentes e não para o pagamento de juros da dívida pública, que serve para enriquecer o bolso dos banqueiros!

Nossas universidades carecem de infraestrutura que garantam acessibilidade para os estudantes com deficiência, que muitas vezes não conseguem assistir suas aulas por não ter o básico em sala de aula. Estudantes que têm filhos seguem sem creches e muitos restaurantes seguem com preço altíssimo ou nem chegam a existir em certos campi.

As dificuldades que enfrentamos para permanecer na universidade não são novidade. Nas universidades privadas, onde reside a maior taxa de evasão (2,3 milhões abandonaram os estudos em 2021), a política de permanência é quase inexistente. É importante que a UNE combata pelo perdão das dívidas do FIES, assim como pelo fim do teto do financiamento. Por isso, é necessário recompor o orçamento da educação e da Assistência Estudantil para garantir a permanência de todos os estudantes, aumentando o número de bolsas e reajustando a bolsa permanência para R\$700,00. Queremos acesso a moradia, a materiais didáticos e digitais, a transporte e alimentação, além da construção de creches para mães universitárias. A UNE, enquanto entidade máxima de representação estudantil, deve organizar uma verdadeira batalha para ampliar a verba da Assistência Estudantil em conjunto com DCEs e CAs. As mobilizações por mais recursos para permanência que acontecem em diversas universidades do Brasil, a exemplo da UFMT, devem ser transformadas em uma campanha nacional pela ampliação para 2,5 bi das verbas do PNAES, valor tido como necessário para atender a demanda por assistência nas IFES.

LULA, REVOGUE O NEM!

Mesmo com a conquista da suspensão do calendário de implementação da reforma do Ensino Médio e encontro realizado com estudantes pelo MEC, ainda não há resolução da luta dos estudantes pela revogação do Novo Ensino Médio.

Precisamos por fim nessa reforma que retira a ciência da escola para pôr aula de novas disciplinas como “projeto de vida”, que nem professores, estudantes ou gestores sabem o que significa ou para que serve. Ela também põe em xeque o futuro profissional de diversos estudantes que saem da universidade sem perspectiva. A UNE deve lutar pela revogação do NEM junto a entidades da educação no dia 11 de agosto convocando os estudantes a ocuparem as ruas!

Queremos uma UNE que organize os estudantes com muita luta para defender uma universidade com permanência e autonomia. Não dá mais para escolher entre trabalhar ou estudar. Convidamos a todos estudantes a conhecerem nossa tese completa por nossas redes@unepralutar e a se somarem conosco nessa luta!

NOVO TEMPO: ESPERANÇAR AS UNIVERSIDADES PARA TRANSFORMAR O BRASIL

*Movimento Esperançar

“No novo tempo/ Apesar dos castigos/ Estamos crescidos / Estamos atentos/ Estamos mais vivos [...]” “[...] Pra que nossa esperança/ Seja mais que vingança/ Seja sempre um caminho/ Que se deixa de herança [...]” (Novo Tempo, Ivan Lins)

Movimento Esperançar e a Luta da Educação

Nós, que viemos das lutas populares, estudantis, urbanas e camponesas, da cultura, do sindicato e pastorais de juventude, somos a expressão do Brasil e das juventudes.

Nossa fundação ocorreu em meio à tarefa histórica de enfrentar o neofascismo e o governo Bolsonaro. Entretanto, no movimento estudantil, somos as raízes e os frutos de organizações e de militantes que estiveram à frente da UNE, da UBES e que estão presentes não apenas na ANPG, como também em inúmeras entidades estaduais de representação estudantil.

Lutamos pela revogação desta reforma do ensino médio; pela manutenção e aprofundamento das políticas de cotas; pelo quadripe universitário; pelo fortalecimento da assistência estudantil para a garantia da permanência do estudante trabalhador; pela valorização das bolsas, da extensão e da pesquisa acadêmica. Estivemos na linha de frente da resistência ao golpe contra a Presidenta Dilma, nas batalhas pela libertação do Presidente Lula e da defesa da organização de um campo político democrático-popular, dirigido pela esquerda, para derrotar o fascismo.

Agora é hora de fortalecer este campo, restabelecendo a dignidade do nosso povo, os direitos e a vida das juventudes e um projeto popular e emancipador para a educação. Um novo tempo o Brasil voltou! Depois de tantos golpes contra a classe trabalhadora e os governos populares, o povo subiu novamente a rampa do Planalto. A vitória de 2022 abre um novo tempo de disputas que determinarão não só o nosso futuro, mas o equilíbrio geopolítico mundial em um mundo cada vez mais multipolar. Na última década a burguesia global sinalizou um novo rompimento com a democracia liberal e passou a favorecer lideranças fascistas, como Trump, Orbán, Le Pen, Meloni. No Brasil, Bolsonaro foi o resultado desse movimento que aqui iniciou com o Golpe de 16 e a Operação Lava-jato. Nosso processo de resistência nos últimos 7 anos produziu uma nova geração de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, de novos organizadores da luta popular que em resposta ao fascismo, alia a tradicionais nomes da política brasileira formando um novo bloco dirigente heterogêneo no país. Estamos em um governo em disputa, Lula nos convoca a lutar pela agenda de seu 3º mandato, a colocar em pauta de maneira organizada, nítida e contundente nossas esperanças.

O Movimento Esperançar chega até o 59º Congresso da UNE com a expectativa de apontar os caminhos que transformem novamente a Educação e a Juventude em nosso país. Fortalecendo a nossa democracia e a aprofundando, ao cada vez mais colocar no centro dela as mulheres, o povo preto, a comunidade LGBTQIA+ e toda a pluralidade que compõe nossa classe trabalhadora. Acesso e permanência: uma nova etapa da luta pela Educação. Em um momento em que 7 milhões de jovens nem estudam, nem trabalham, a esperança retorna. Com a recomposição do orçamento do Ministério da Educação já começamos a ver mudanças na realidade dentro das universidades, a valorização da ciência se manifesta materialmente com o 1º aumento do valor das bolsas de graduação, pós, iniciação científica e Bolsa Permanência em 7 anos.

É hora de avançar transformando o PNAES em lei ampliando as universidades comunitárias, estaduais e privadas. Se abre a oportunidade para que a comunidade acadêmica vença os interventores de Bolsonaro no caminho da defesa do quadripe: ensino-pesquisa-extensão-permanência. É o retorno de uma universidade que seja sinônimo de luta e diálogo, construindo uma educação superior pública, democrática, popular, inclusiva e emancipadora. A política de cotas revolucionou a educação brasileira, em uma década mudamos a cara da universidade. A cabeça pensa onde o pé pisa! Jovens negros e negras, indígenas, PCDs que são da classe trabalhadora

chegaram pra ficar na universidade. Com essa turma nos bancos da graduação e dos tecnólogos já vimos muita diferença no conhecimento produzido pela nossa academia, agora acreditamos que é hora de avançar!

Por isso, defendemos e convocamos a UNE para se somar na luta da transversalidade das cotas, ou seja que elas passem a valer no ensino na pesquisa, na extensão além de avançarmos para a pós-graduação e também nos concursos para docentes, além disso nossa luta é para ampliar as ações afirmativas para que incluam também as pessoas trans. É assim que ampliamos os saberes do nosso povo, é assim que criamos uma universidade compromissada com a erradicação da pobreza, com a superação do subdesenvolvimento e a emancipação de quem trabalha em nosso país. A universidade é centro das disputas culturais e ideológicas e só será instrumento dos trabalhadores para superar os problemas do país se for representativa destes e disputada por uma contra-hegemonia trabalhadora. Precisamos descolonizar o pensamento, trazer autores brasileiros, latino americanos e africanos para entender e resolver problemas para disputar o futuro hoje!

O Movimento Esperançar saúda a União Nacional dos Estudantes neste 59º Congresso, o primeiro após a pandemia que ceifou mais de 700 mil vidas brasileiras. Este reencontro presencial dos estudantes com a UNE acontece num momento em que a UNE se depara com a tarefa de disputar as políticas públicas de Educação do governo Lula. Nós do Esperançar nos apresentamos para cumprir a tarefa histórica de construir uma UNE democrática, plural e presente nas Universidades Públicas, nas Universidades Comunitárias e nos Institutos Federais. É hora de organizar essa nova geração que teve seu sonho de estar na universidade frustrado, atrasado ou precarizado. Precisamos de um movimento estudantil que entenda seu papel histórico no momento que vivemos. Com a eleição de Lula, recuperamos um governo democrático após 6 anos do golpe contra Dilma, o que traz à UNE imensas responsabilidades e desafios. Precisamos enfrentar e derrotar na sociedade uma direita organizada em torno de uma hegemonia fascista enquanto superamos uma grave crise econômica deixada por políticas neoliberais e disputamos pela esquerda um governo de esquerda. Para isso, precisamos de manter a capacidade de mobilização estudantil com uma agenda concreta de políticas públicas que oriente um novo ciclo de avanços na luta por uma universidade Popular. Precisamos fazer dos filhos da classe trabalhadora que acessaram a universidade pela primeira vez, negras e negros, mulheres, cotistas, prounistas, pessoas-trans as lideranças capazes de Esperançar um novo Brasil!

A ESPERANÇA É VERMELHA

*Juventude da Articulação de Esquerda

*Vamos botar lenha nesse fogo
Vamos virar esse jogo
Que é jogo de carta marcada
O nosso time não está no degredo
Vamos à luta sem medo
É hora do tudo ou nada!*

"Virada" - Beth Carvalho

A história da UNE reflete a luta histórica por um projeto democrático e popular para o país, construído nas praças, ruas, escolas e universidades. Ela expressa o desejo de um Brasil cada vez melhor para a classe trabalhadora, menos desigual e recheado de esperança e possibilidades.

É esta entidade que precisa, neste momento histórico, retomar seu protagonismo para contribuir com as grandes transformações que o Brasil necessita. O golpe contra a presidenta Dilma, a operação Lava Jato, a prisão de Lula, o governo Bolsonaro, as reformas antipovo, as intervenções federais nas universidades e o genocídio nas periferias, fizeram e fazem parte da agenda da burguesia fascista e racista que não foi inteiramente derrotada, pelo contrário.

Vencemos o fascismo nas urnas, mas há muito por ser feito. A extrema-direita segue forte, a direita neoliberal não se tornou aliada e as forças do campo democrático-popular precisam ampliar suas forças. A UNE está convocada a cumprir um papel decisivo na organização dos estudantes para resistir às ofensivas da direita e ampliar a capacidade ofensiva das forças populares.

Nos últimos anos, as juventudes, negros e negras, mulheres, pessoas com deficiência, LGBTQIA+, povos originários, trabalhadores e trabalhadoras foram os mais atingidos e marginalizados. E como se não bastasse morrer por simplesmente existir, o governo Bolsonaro decidiu matar o povo de fome e de Covid-19, à medida que assumiu um juízo negacionista e genocida.

Desde o primeiro momento, a postura puramente reativa da UNE fragilizou o movimento estudantil enquanto força motriz nas mobilizações de massa, ocorrendo um distanciamento que já era evidente entre a entidade e a base. Depois do Tsunami da Educação, não conseguimos dar respostas à altura dos ataques fascistas sistemáticos ao MEC, às Universidades e aos direitos sociais.

Mesmo diante da falta de organização das forças políticas que possuem maioria na direção da UNE, os avanços conquistados pela base estudantil para a sobrevivência de suas universidades foram reais! Diante do caótico e frágil cenário em que se encontravam as IES, o movimento estudantil foi capaz de avançar sem medo contra o coronavírus e pela garantia de auxílios que permitiram com que milhões de alunos permanecessem estudando. E quando organizados, os estudantes se tornaram os maiores pesadelos da corja fascista.

O ano de 2023 marca o início do governo democrático de Lula e carrega consigo a responsabilidade de reconstruir a nossa terra. Embora o movimento estudantil tenha sido parte fundamental do processo que possibilitou a nossa vitória, é necessário não ter ilusões com os setores neoliberais que tentarão nos enfraquecer à medida que nós nos fortalecemos nos corações e mentes do povo!

Promover estrategicamente a pressão social com a finalidade de colocar pautas históricas na ordem do dia é urgente! A luta antifascista e anticapitalista, bem como as ações em defesa do passe livre, das reformas agrária e urbana, o fortalecimento do PNA-ES, a retomada da reforma universitária e a ampliação da Lei de Cotas demandam uma disputa feroz para serem implementados na qualidade de políticas de Estado.

Diante disso, na perspectiva de consolidar uma UNE ativa e democrática, a Juventude da Articulação de Esquerda reconhece a urgência de construir uma agenda nacional de lutas unificada. É insuficiente aplaudir os raros triunfos da política institucional. A herança do inelegível segue viva, no Congresso Nacional e nas ruas, e o que definirá os rumos de nosso país é a nossa capacidade de defendê-lo.

O 59o ConUNE necessita ser um espaço crítico de debates e avaliações honestas. O Maior Congresso Estudantil das Américas é o território ideal para a reorganização do movimento estudantil. Uma oportunidade como esta não pode ser ocultada em detrimento de uma política rebaixada que visa unicamente eleger a próxima diretoria a qualquer custo. É nas ruas e nas redes, mas sobretudo ao lado do povo que a nova diretoria da UNE precisa caminhar!

Enquanto motor da luta de classes no Brasil, a mocidade não tem alternativa de se ausentar da responsabilidade histórica da revolução pela educação! É nós por nós!

O contra-ataque deve se transformar em altivez na defesa da soberania nacional e da universidade real para o povo, reorganização com o objetivo de transformar nossos sonhos em realidade!

É verdade que a primavera ainda não chegou e que o cheiro da nova estação pode não passar de um intervalo entre a calma e a barbárie mais uma vez. Seguir sem medo de ser feliz, com energia e visão revolucionária, é a missão para garantirmos uma nova vida e uma educação democrática e verdadeiramente popular. A materialização do Brasil enquanto sonho intenso depende da nossa coragem de desafiar o nosso peito à própria morte!

UNE NA LUTA: PELA UNIVERSIDADE POPULAR E PELO SOCIALISMO!

*Movimento por uma Universidade Popular (MUP)

CONJUNTURA

A nossa geração vivencia uma das mais duras crises do sistema capitalista, uma crise interimp-erialista. Esgotaram as possibilidades de “resolução pacífica” das disputas entre as burguesias de todo o mundo. O mais recente capítulo é a guerra em curso na Ucrânia e todas as guerras assistidas por nossa geração (em especial nos países do Oriente Médio e países como Congo, Haiti e Myanmar). O que está em jogo para os capitalistas envolvidos é a hegemonia econômica regional e a conformação futura de blocos políticos empenhados no desenvolvimento do capital.

Ou seja: a guerra russo-ucraniana é mais um conflito armado pautado pelos interesses capitalistas cujo preço é o massacre de milhares de jovens filhos da classe trabalhadora, sejam eles russos, ucranianos ou de qualquer nacionalidade. Para além da investida capitalista em armas, vivemos também uma ofensiva sobre os direitos fundamentais de manutenção da vida, agravada ainda mais após a pandemia da Covid-19: a retirada de direitos trabalhistas, a diminuição de salários, o desemprego e a fome — oriundos de uma política de austeridade em prol dos lucros. Os próprios geradores da crise a empurram para os ombros dos trabalhadores. Não à toa somos uma geração cuja principal característica é a ausência de perspectiva de futuro. Não há perspectiva de emprego, o direito à moradia segue aniquilado pelos que se beneficiam da especulação imobiliária, nos falta transporte público gratuito e qualidade e não é possível ter um automóvel. Um salário mínimo hoje não condiz com os gastos reais de uma família, fazendo com que o esforço pela sobrevivência seja o que guia a vida da maioria.

Nas últimas décadas as ferramentas para lutar por melhores condições de vida, estudo, moradia e trabalho foram sistematicamente afastadas de nós, sendo limitadas à esfera institucional e se curvando a interesses estranhos à nossa classe. Esse é o caso da própria União Nacional dos Estudantes, que assumiu durante os anos 2002-2015 (anos dos governos PT) o papel de correia de transmissão de políticas dos governos aos estudantes, enquanto deveria trabalhar no sentido oposto: o de colocar a entidade como porta-voz das demandas estudantis, construindo sua independência política.

Se recentemente assistimos uma retomada ainda tímida das mobilizações estudantis por parte da UNE contra governo de Michel Temer e o governo de Bolsonaro-Mourão, é precisamente no curso das eleições de 2022 que a entidade volta outra vez todo seu trabalho e discurso apenas à esfera da política institucional, já dando indícios de sua atuação após uma possível derrota eleitoral de Bolsonaro. Para nós, a disputa política não pode ser reduzida a uma simples disputa entre direita e esquerda, uma vez que tudo acontece no terreno da luta de classes.

O golpe de 2016, o crescimento da extrema direita e o chamado “bolsonarismo” nada mais são do que expressões da própria crise do capitalismo e do recrudescimento da agenda neoliberal e não são fenômenos particulares à realidade brasileira. Por isso, nós do MUP e UJC não nos retiramos das ruas em nenhum momento sequer.

Os contínuos ataques perpetrados contra as universidades e o ensino médio durante o governo Bolsonaro foram, em geral, acatados pelos partidos e centrais sindicais dirigidas pela social democracia, a exemplo do PT e da CUT, que esvaziaram durante os dois anos de pandemia os diversos atos de rua cobrando vacinas, condições seguras de trabalho e auxílios econômicos para que a crise atingisse de forma mais branda a classe trabalhadora e para que essa pudesse conservar ao menos algum nível de dignidade; o da alimentação. O Partido dos Trabalhadores, no entanto, além de fazer uma oposição frouxa nos espaços institucionais que se encontrava, somente tomou para si essas pautas à medida que pudessem servir de moeda eleitoral. Assim,

eleito o governo Lula 3, não mais fez que adiar a implementação e discussão do Novo Ensino Médio (NEM) como forma de acalmar os ânimos e seguir a mesma agenda neoliberal que o ex-ministro da Economia de Bolsonaro, Paulo Guedes.

A vitória institucional contra o bolsonarismo, garantida nas urnas em 2022, e que já de primeira teve de lidar com arroubos golpistas da base bolsonarista inflamada, com os acampamentos clamando por intervenção militar e a invasão da praça dos três poderes no dia 08 de janeiro de 2023, estendeu em alguma medida a expectativa de manutenção das liberdades democráticas e tirou o país do isolamento político e econômico internacional. Porém, tanto não avançou como não se posicionou em momento algum efetivamente do lado dos trabalhadores brasileiros.

Apesar de termos trabalhado arduamente pela vitória eleitoral de Lula no segundo turno das eleições de 2022, o Movimento por uma Universidade Popular (MUP) e a União da Juventude Comunista (UJC), compreendem que essa foi apenas uma vitória parcial (e não poderia ser diferente).

O projeto de conciliação entre classes, dirigido pelo PT, segue a todo vapor: a ampla composição de alianças do governo Lula comprova seu apartamento das demandas populares e alinhamento político mais à direita, ilustrado pela escolha de Geraldo Alckmin, quadro histórico do PSDB comprometido com as mais reacionárias ações da burguesia paulista e recém filiado ao PSB, para a vice-presidência. Da mesma forma, opta-se por pôr de escanteio a urgente a revogação dos pacotes de desmonte do Estado nacional, como o Teto de Gastos, Contrarreforma Trabalhista, Lei da Terceirização Irrestrita, Contrarreforma da Previdência e autonomia do Banco Central

O projeto de conciliação entre classes garante a manutenção das condições alarmantes de vida da classe trabalhadora brasileira. Com um custo de vida cada vez mais elevado, a taxa de desemprego chega a 7,9% e o número de pessoas em situação de fome bate a casa dos 33 milhões. Esses efeitos atingem sobretudo a juventude, a qual é a parcela da população mais suscetível aos empregos informais e desemprego impostos pela conjuntura, vendendo sua força de trabalho dentro da lógica de uberização ou se submetendo a imposição da ideologia neoliberal que vende a ilusão de crescimento e carreira pessoal por meio de negócios próprios por meio de MEI e PJ.

No setor da educação, Lula aponta ser contrário à revogação do Novo Ensino Médio, defendendo o “aperfeiçoamento” de um projeto que tem como essência a imposição de um sistema de disciplinas voltadas para formar mão de obra técnica e barata, atendendo aos interesses da classe dominante. A revogação imediata é a única possibilidade de assegurar que estudantes secundaristas possam construir escolas populares.

No mesmo sentido, o grupo técnico de educação do atual governo é composto majoritariamente por setores da burguesia contrários à educação pública, como a Fundação Lemann, Fundação Tide Setubal e o Todos pela Educação. Isso aponta para seu compromisso com o crescimento e ampliação do capital privado no Ensino Superior, tendo os projetos de ProUni e FIES como os principais exemplos de sucesso que garantiram e seguem garantindo essa consolidação. Em paralelo, nas universidades públicas de todo país, o que assistimos é a lógica da austeridade restringindo o investimento de recursos públicos nas áreas de pesquisa, contratação de pessoal e abertura de concursos, além da permanência estudantil. Acreditamos que é urgente inverter essa lógica. Defendemos, portanto, que haja ampliação do financiamento para o ensino público com a produção científica e tecnológica voltada para as demandas do povo brasileiro, assegurando verdadeiramente a todos os jovens o direito de estudar e permanecer na universidade.

A destruição dos serviços públicos e a limitação da capacidade de investimento do Estado colocada pelo Teto de Gastos têm consequências desastrosas para a classe trabalhadora. Por

parte do governo, não há qualquer indício real de criar condições para uma retomada da capacidade do investimento público, o que se evidencia no novo Teto de Gastos proposto por Lula e Haddad.

Fundamentalmente, o novo “arcabouço fiscal” prevê a manutenção da política fiscalista, almejando alcançar superávit primário até 2025. Um projeto, que em nada atende às reivindicações dos setores populares organizados nos sindicatos, movimentos sociais e entidades estudantis. Pelo contrário: se apresenta como um pacote de medidas para atender aos interesses do empresariado. É também essa tentativa de estabelecer um pacto de classes que fortalece o agronegócio que avança sobre as terras de povos quilombolas e principalmente dos povos indígenas, como no mais recente ataque, via Congresso Nacional, com a aprovação do Marco Temporal.

Por isso, reiteramos que a mobilização e organização das forças populares se mostra como o único caminho possível capaz de romper com as contradições e limites dos projetos reformistas e social-liberais do capital internacional expressos no atual governo. Os estudantes devem fortalecer a disputa da classe trabalhadora pelos rumos da política no país! A União Nacional dos Estudantes deve também impulsionar a construção de espaços de acúmulo de forças dos estudantes indígenas, dentro e fora das universidades, contra o Marco Temporal e os ataques da bancada de deputados financiados pelo latifúndio, somando-se assim às fileiras da luta pela demarcação dos territórios dos povos originários.

Apenas pela organização da base estudantil e pela construção de universidades voltadas para os interesses da classe trabalhadora que teremos um verdadeiro avanço em defesa de nosso povo. Por uma Universidade Popular, pela UNE na Luta e pela construção do socialismo, nós defendemos:

- POR UMA UNE QUE FORTALEÇA A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA!
- PELA REVOGAÇÃO DE TODAS AS CONTRARREFORMAS, DEFESA E AMPLIAÇÃO DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES, DAS TRABALHADORAS E DA JUVENTUDE!
- CONTRA O MARCO TEMPORAL! DEMARCAÇÃO JÁ!
- PELO PODER POPULAR E PELO SOCIALISMO!

SEJAMOS REALISTAS, FAÇAMOS A REVOLUÇÃO DO NOSSO TEMPO!

*Rebeldia – Juventude da Revolução Socialista

A UNE precisa ser independente e para isso deve romper com o governo. Se queremos ser vitoriosos nas nossas lutas, a 1ª coisa é saber contra quem lutamos. A UNE precisa romper com o governo e sair do Conselhão. Aí se reúnem para debater políticas sociais os acionistas de empresas e bancos, CEOs de multinacionais, nomes do agronegócio. Como nos defender, sentando com quem nos ataca? O movimento estudantil (ME) precisa de independência. Tem correntes do ME que estão 100% com o governo, como a majoritária (PT e PCdoB), e outras que estão 50%, como o Psol, que tem um pé dentro e um fora. Mas independência significa não estar nunca com quem ataca.

Não ao Arcabouço fiscal de Lula e o Marco temporal!

O Arcabouço é um novo teto de gastos. O governo e a majoritária dizem que é melhor que o de Temer. Mas a lógica segue igual: subordinar o país aos banqueiros e empresários, e tirar dinheiro das áreas sociais para isso. Se compromete com os capitalistas ao invés de usar os recursos do país para os trabalhadores.

A majoritária disse que o problema do Arcabouço era incluir o Fundeb. Quando o Fundeb saiu comemoraram como uma vitória. É positivo, mas a existência do Arcabouço em si já é uma derrota. E enquanto Lula fez todo tipo de articulação com o centrão para garantir isso, não teve nem metade do empenho para barrar o Marco Temporal.

Quem está ganhando são banqueiros, o agronegócio, o centrão e os projetos capitalistas. Por trás da tal “governabilidade” o que existe é o capitalismo. Quem escolheu levar adiante esse projeto político e ter essa gente lá dentro para governar em conjunto foram eles. Cada vez se demonstra mais qual é o projeto do governo e a quem ele serve. Lula governa para os ricos, e não para nós.

O projeto neodesenvolvimentista do PT ataca os trabalhadores

Que o projeto capitalista autoritário de Bolsonaro não serve já sabemos. Mas o projeto de Lula diz desenvolver o país ao fomentar uma burguesia própria, o que nos faria um capitalismo em melhor vantagem no mundo. Por isso que vimos nos governos PT o incentivo e isenções dadas para empresas nacionais, como empreiteiras e o agronegócio. A questão é que ao invés de investirem no país, embolsaram tudo em nome do seu lucro, o que mostra os limites desse projeto. Sem falar que nos mantém submetidos aos interesses do imperialismo.

Inelegível é pouco! Prisão para Bolsonaro e os golpistas! Para derrotar a extrema-direita temos que nos enfrentar com o governo!

A inelegibilidade de Bolsonaro é algo a se comemorar. Agora precisamos exigir que seja preso. Mas para combater a extrema-direita, é preciso enfrentar o governo. Lula mantém intacto um setor da direita golpista que está no Estado, e não pune os militares golpistas. O combate a esses setores ficou para o Judiciário, instituição que tem influência da extrema-direita e serve aos ricos. Segue o desafio de derrotar politicamente a extrema-direita. Isso não vai acontecer governando com e para os setores da direita. O governo, o STF e demais instituições do estado não vão derrotar os bolsonaristas. Teremos que construir a mobilização junto com os trabalhadores.

Por uma entidade de luta, democrática e independente! Pela retomada da Oposição de Esquerda (OE)! A UNE precisa ser uma entidade de luta, sem estar com governos e reitorias. Com os estudantes se subordinando às lutas da classe trabalhadora. Para isso não cabem métodos burocráticos, o “vale-tudo” para vencer, como faz a Majoritária. Nós do Rebeldia somos trotskistas, e nos inspiramos em Trotsky na luta contra a burocracia. É fundamental que a OE seja

retomada como um campo de organização contra a Majoritária.

Os coletivos da OE abandonaram esse marco comum no ME. Mas não podemos deixar os estudantes reféns de um projeto que concilia interesses com a burguesia.

A Majoritária defende o projeto neodesenvolvimentista. Os coletivos da OE não defendem isso, mas endossam essa perspectiva ao não trazer clareza sobre o que é de fato o governo PT.

Os coletivos do Psol dizem que precisamos ajudar o governo a governar. Mas isso significa implementar Arcabouço e Novo Ensino Médio. Dizem para defender o governo contra a direita. Mas quem mais leva adiante as pautas da direita hoje é o governo. O Correnteza e UJC não alertam os estudantes sobre quem é responsável pelos ataques. Não chamam a UNE a romper com o governo, ao contrário. O Correnteza, por exemplo, participou de reuniões com membros do governo. Nós defendemos que a dívida pública pare de ser paga, que o governo taxe as grandes fortunas e que tire um trilhão dos banqueiros, para investir na educação, emprego e outras necessidades dos trabalhadores. Defendemos um projeto socialista, que enfrente até a raiz a dominação burguesa. Nesse sistema, para alguém ganhar, outro tem que perder. Precisamos inverter a lógica e ir para cima dos que nos exploram e oprimem. Leia a versão completa <https://www.pstu.org.br/category/juventude/>

NENHUMA CONFIANÇA NA FRENTE AMPLA! POR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL INDEPENDENTE, DE LUTA E SOCIALISTA!

*Juventude Revolução Socialista e Independentes

Um mundo de rebeliões!

2022 foi marcado por lutas e derrotas eleitorais das direitas como Bolsonaro no Brasil, Kast no Chile e Hernandez na Colômbia. A realidade desmonta a tese da “onda conservadora” que tomava a América Latina. Existem sim poderosas ondas de lutas contra quaisquer governos que ataquem os povos! Na região acabou o ciclo das direitas e se abriu outro de “governos progressistas”. Votos de castigo tiraram as direitas hoje tal como tiraram governos mais à esquerda antes. Há uma crise da democracia burguesa e espaço para radicalizações políticas.

A extrema-direita aproveitou a crise democrática se dizendo “antissistema”, enquanto as esquerdas conciliatórias cada vez mais se adaptam aos interesses do capital e da democracia dos ricos - onde o povão perde e ricos só ganham. A esquerda deve inverter essa lógica. Pois o cenário de guerras, polarização social, retirada de direitos e rebaixamento da qualidade de vida é fruto da crise capitalista internacional, conflitos interburgueses, maior exploração, destruição ambiental e ampliação da miséria. Mas a marca do nosso tempo é a da revolta contra os ajustes capitalistas, tal como as lutas massivas na França contra a Reforma Previdenciária de Macron.

Brasil: uma década de intensa crise

Há 10 anos, jovens trabalhadores foram aos milhões ocupar as ruas do Brasil pra dizer “não é por 20 centavos, é por direitos!”. A luta contra o tarifaço nos transportes evoluiu pra luta por dinheiro pra educação e saúde e não pra Copa, contra violência policial, repúdio a mídia burguesa que apoiou a ditadura – pautas de esquerda! E o que fizeram os governos? Dilma-Temer, governadores e prefeitos – como Alckmin e Haddad em São Paulo – aplicaram brutal repressão. O movimento ganhou solidariedade e se agigantou, pondo em evidência a revolta geral e conquistou a redução de tarifas, sendo sucedida de muitas greves e conflitos populares.

Mas as crises social, econômica, política e ambiental não pararam depois de Junho de 2013. Dilma foi reeleita em 2014 e cometeu um estelionato eleitoral: aplicou o duro ajuste do banqueiro Joaquim Levy e a enorme frustração abriu espaço pra reação burguesa. De verde e amarelo, apoiada pela FIESP, Globo, a polícia e partidos reações, destituíram Dilma. Impuseram o ilegítimo governo Temer. Este chegou aos míseros 3% de apoio, enfrentado pelo povo revoltado.

Mas a esquerda burocrática decide conciliar e abandona o “Fora Temer”. Resultado: aproveitando a trégua, a burguesia usa a Lava Jato pra prender Lula e dá vitória a Bolsonaro. Com muita luta derrotamos o infernal governo de Bolsonaro e agora se abre um novo momento. Precisamos debater os rumos do governo Lula-Alckmin e as disputas abertas na sociedade, para avançar em conquistas. Pois os ajustes capitalistas não pararam e a crise sistêmica não acabou.

Frente Amplíssima: governo Lula-Alckmin mantém o programa neoliberal

Após 6 meses de Lula-Alckmin, segue o grosso do programa neoliberal. O erro de não apostar na luta para derrubar Bolsonaro desaguou nas alianças amplíssimas e gerou este novo governo burguês. Que só se mantém unido enquanto servir à ala mais de direita da Frente Ampla. Seguem as contrarreformas trabalhista, previdenciária e do ensino médio; O tripé macroeconômico burguês segue; o Teto de Gastos foi piorado no Arcabouço Fiscal; o Marco Temporal – ataque histórico aos indígenas – é aprovado pela base do governo; Os Ministérios do Meio Ambiente e Povos Indígenas perdem – para a própria base governista – a pouca capacidade de chocar-se com o latifúndio; Lula incentiva a exploração de petróleo em áreas sensíveis da Amazônia; Se aprovam ataques à Mata Atlântica, logo após o anúncio da COP-30 no Brasil; O

sistema da Dívida segue pra dar trilhões aos bancos; o Plano Safra bate recorde de bilhões ao agronegócio. A direita segue dando as cartas na política nacional e nos estados, pois a hegemonia é dos interesses do capital no governo, que conta com uma esquerda presa aos acordos da coalizão. Esta não anula o caráter burguês do Estado, nem tem ingerência em nada.

Por independência, democracia de base e luta anticapitalista!

O movimento estudantil precisa estar livre de amarras, ter independência em relação ao governo Lula-Alckmin para poder ser consequente e ter papel de liderança na luta pela educação. Para se conectar com as bases é preciso ser democrático, acatar as pautas de luta e ter horizonte crítico ao modelo capitalista que gere a educação – maior parte privatizada no ensino superior e cada vez mais precária na rede pública! Se as majoritárias da UNE não cumprem este papel, cabe aos setores da Oposição de Esquerda da UNE fazermos a luta necessária!

Lutar pela revogação total do “Novo” Ensino Médio!

Chega de imobilismo governista! Entendemos que o teste-de-fogo é a urgente luta atual pela REVOGAÇÃO TOTAL DO “NOVO” ENSINO MÉDIO. O 59o Conune deve ser o pontapé para mobilização da educação até o fim desse projeto neoliberal! Devemos construir o calendário de lutas, as assembleias de base e uma coordenação nacional ativa e combativa que só aceite como resultado a nossa vitória, a derrota absoluta do NEM!

Fim do vestibular!

Devemos sair da defensiva, derrotar o NEM e abrir um processo de construção de um projeto de educação para o Brasil voltado para a classe trabalhadora e sua juventude. Partimos da necessidade de investimento massivo de 10% do orçamento da União, pra que a universidade seja de massas, amplie vagas e estrutura, recursos para produção científica, abrir portas para milhões e milhões de brasileiros! Na perspectiva de acabar com o vestibular – um funil antisocial que existe para excluir a juventude da educação superior! Seguir o caminho de países onde o acesso é direto e gratuito, como Argentina e México. É preciso revolucionar a educação e o país!

LUTAR QUANDO É FÁCIL CEDER

*Movimento Pajeú

A juventude brasileira foi protagonista de diversas lutas no último período: do enfrentamento ao golpe de 2016 à luta contra o bolsonarismo. Marchamos contra as reformas neoliberais e em defesa da vacina, ocupamos as ruas contra o racismo, movimentamos cidades com o tsunami da educação e fomos fundamentais na derrota eleitoral do bolsonarismo em 2022, garantindo a eleição de Lula a partir de uma ampla mobilização social. No entanto, ainda que o bolsonarismo golpista siga vivo no Brasil, é inegável que o cenário agora é outro. Um conjunto de ações se colocam como tarefas e possibilidades para a juventude que ousa lutar no país: precisamos retomar um avanço da luta popular por um outro Brasil e pelo direito ao futuro. Se ontem nossas lutas eram para não perder direitos, hoje nosso desafio é recuperar o que foi perdido!

Para melhorar as condições de vida do povo trabalhador e da juventude no Brasil, devemos estar em mobilização permanente em defesa da revogação das reformas, do Novo Ensino Médio, por emprego e comida sem veneno, pelo aumento dos investimentos públicos, demarcação e titulação dos territórios indígenas e quilombolas, em defesa da agricultura familiar, da conservação e recuperação dos ecossistemas, contra o racismo, o patriarcado e a LGBTfobia.

Se um de nossos objetivos é enterrar o neofascismo no Brasil, não temos dúvidas que isso passa pela afirmação de um programa democrático e popular que parta da mobilização da classe que vive do trabalho, da juventude, partidos de esquerda e o conjunto dos movimentos sociais.

Nos últimos anos, a UNE retomou o protagonismo no terreno da luta social no Brasil, assumindo o frente de diversas lutas e abandonando a postura de apassivamento e linha auxiliar que tinha assumido durante os governos Lula e Dilma (2003-2016). Ainda que sob uma direção majoritária recuada (PCdoB e PT), que definiu como tática a não radicalização das mobilizações pelo o impeachment de Bolsonaro, apostando no processo eleitoral a derrota do bolsonarismo, a entidade foi fundamental para mobilizar a juventude de norte a sul do Brasil contra os ataques à educação pública e contra o governo Bolsonaro-Mourão.

Importante, indispensável, mas insuficiente! A tentação pela acomodação institucional retorna agora para a UNE, animada sob um governo de frente ampla e conciliador. Esse contexto nos deixa em alerta e devemos batalhar para que essa entidade reconheça a necessidade de lutar e não ceder! A União Nacional dos Estudantes deve ousar lutar e assumir a linha de frente das mobilizações da juventude afirmando as bandeiras das diversas lutas espalhadas pelo Brasil, com apoio e defesa do mandato de Lula diante das investidas golpistas do bolsonarismo neofascista, mas se mantendo independente em relação ao governo, pressionando incansavelmente pela revogação das reformas e pela recuperação de direitos e garantia de novas conquistas. A retomada dos direitos será feita pelas mãos da juventude popular, negra, feminista, indígena, quilombola, LGBTQIAP+ e que todos os dias luta pelo direito a vida e ao futuro.

Nós, do coletivo de juventude Pajeú chegamos a essa entidade no 59º Congresso da UNE, pois reconhecemos a necessidade de seguir em luta pela retomada dos nossos direitos! Não podemos nos limitar e apenas aceitar o que o governo pretende negociar entre as elites e o povo trabalhador!

Recuperar os direitos perdidos e o avançar em direção à conquista de novos passa pela revogação das reformas e das medidas anti-povo e antijuventude. No contraponto aos interesses da burguesia, a UNE e a juventude brasileira devem afirmar a defesa do programa da classe trabalhadora e dos oprimidos, nossas tarefas são: lutar em defesa da educação, do SUS, da garantia da terra como um direito, no combate à fome, ao racismo, patriarcado e LGBTfobia, em defesa da natureza e do modo de existir e viver dos povos; atuar contra o genocídio da popu-

lação negra; enfrentar à profunda concentração de renda e riqueza demandando a superação de todas as desigualdades. Deste modo, a luta contra o arcabouço fiscal é fundamental no combate à desigualdade social e para garantir a ampliação e o aperfeiçoamento das políticas públicas brasileiras.

Construir o enfrentamento às medidas liberais e conciliatórias do governo Lula, que por sua vez está engessado pela frente ampla e por negociações de governabilidade, está na ordem do dia. Diante da composição do congresso nacional, cabe aos movimentos sociais e às entidades de representação a disputa da agenda nacional conectada às necessidades estruturais do povo brasileiro.

CONSTRUIR O FUTURO
NÃO É TAREFA PARA O AMANHÃ!
VEM COM A GENTE OUSAR LUTAR
QUANDO É FÁCIL CEDER!

NOSSO FUTURO NÃO SE NEGOCIA: COMUNISTAS POR UMA UNE ANTIBUROCRÁTICA, INDEPENDENTE DOS GOVERNOS E ALIADA AOS TRABALHADORES!

*Faísca Revolucionária, do grupo internacional de mulheres e LGBTQIAP+ Pão e Rosas, e independentes

Desde uma perspectiva comunista e revolucionária viemos batalhando contra as burocracias que mantêm nossas entidades, como a UNE, subordinadas aos interesses dos governos e reitorias, apostando mais na conciliação com a direita do que na luta organizada desde a base e ao lado dos trabalhadores e dos movimentos sociais. Abaixo o Arcabouço Fiscal, o Marco Temporal e o Novo Ensino Médio: por um plano de lutas já!

Na semana do CONUNE, provavelmente será aprovado o Arcabouço Fiscal, o novo teto de gastos do governo Lula-Alckmin. Os partidos da direção majoritária da UNE (PT e PCdoB) votaram favoráveis ao Arcabouço Fiscal e por isso não organizam qualquer medida de luta.

Nós queremos dar uma batalha comum com todes que se colocam contra esses ataques para impor um forte de lutas organizado em cada universidade do país.

A UNE precisa ser independente do governo Lula-Alckmin! Nada nos foi dado, tudo o que conquistamos foi com a nossa luta, a conciliação só fortalece a direita, Bolsonaro e os capitalistas. A principal entidade estudantil do país precisa ser independente dos governos e das reitorias.

Por uma nova Oposição de Esquerda independente dos governos e das reitorias Se a UNE busca omitir os ataques do governo é porque quer subordinar a nossa luta aos interesses daqueles que buscam administrar o Estado capitalista. O PSOL compõe esse governo; a UP, que impulsiona o Correnteza, ocupa cargo no gabinete de uma parlamentar do PT que votou a favor do Arcabouço Fiscal; e o PCB/MUP defende que é preciso apoiar as “coisas boas”, e não colocam no centro a luta contra os ataques da frente ampla. Nas entidades que dirigem e nos cargos que ocupam na UNE, essas organizações nunca apresentam uma política que de fato se contrapõe à linha majoritária. É fundamental construir uma nova oposição de esquerda independente dos governos e reitorias, batalha para a qual chamamos todes estudantes e as juventudes Rebeldia, Vamos à Luta e Já Basta!.

Para enfrentar a extrema direita, devemos confiar na força da classe trabalhadora, ao lado da juventude, mulheres, negros, indígenas e LGBTQs: Bolsonaro ficou inelegível pelas mãos dos protagonistas do golpe institucional, enquanto as reformas e os militares seguem intactos: confiemos apenas na força da nossa classe!

Impulsionar em cada universidade do país uma grande campanha com o Manifesto contra a terceirização e a precarização do trabalho: O programa da nossa entidade deve ser a defesa de que todos os trabalhadores terceirizados sejam efetivados, sem a necessidade de concurso público!

- A UNE em articulação com os DCEs, DAs e CAs de todo país precisa sempre convocar assembleias como espaços democráticos para a base dos estudantes, com direito a voz e voto!
- Pela revogação integral e imediata do Novo Ensino Médio!
- Pelo não pagamento da dívida pública ilegal e fraudulenta! Fora imperialistas!
- Basta dos convênios das reitorias com os capitalistas e o agronegócio! Por universidades a serviço da classe trabalhadora e do povo pobre!
- Por estatuintes livres e soberanas, onde os estudantes, professores e trabalhadores decidam os rumos da universidade, derrotando as intervenções bolsonaristas e pondo fim às reitorias e aos conselhos universitários
- Em defesa das cotas étnico-raciais, proporcionais ao número de negros e indígenas em cada estado. Pela democratização radical do acesso à educação com o fim do ENEM e vestibulares. Pelo perdão imediato das dívidas do Fies, pela estatização das universidades privadas, começando pelos principais monopólios privados de ensino.

- Por cotas trans, pela desburocratização do nome social e a liberdade para usar os banheiros de acordo com a identidade de gênero de cada um. Impulsionar a criação de secretarias de combate às opressões nas entidades, fomentando a auto-organização dos estudantes.
- Por uma grande campanha em defesa da permanência estudantil para toda
- demanda, pelo reajuste das bolsas para um salário mínimo e aumento de acordo com a inflação.
- Por creches, moradias e bandejões com preços acessíveis e sem trabalho precário, em todas as universidades e para toda a demanda.
- Contra a polícia que assassina a juventude negra: pela legalização das drogas!
- Somos parte dessa geração que diante da crise capitalista quer lutar pela revolução e o comunismo em todo mundo Precisamos de uma juventude profundamente internacionalista, que apoie e se solidarize ativamente com cada experiência da luta de classes internacional. Hoje nossa geração tem um grande desafio que é ter um programa e uma estratégia para transformar cada revolta em uma revolução vitoriosa, nosso objetivo é a conquista de uma sociedade comunista, sem Estado e sem classes, sem opressão e exploração!

PELA (RE)CONSTRUÇÃO DA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA NA UNE!

*Juventude Anticapitalista Já Basta!

É necessário colocar de pé um processo de inflexão política entre as organizações juvenis socialistas independentes, sob a base de um programa combativo. Diante da capitulação das organizações da antiga oposição de esquerda da UNE ao atual governo de coalizão normalizadora do regime burguês, é necessário apontar para a retomada de um movimento estudantil democrático e combativo que se levante contra as reformas neoliberais promovidas – ou mantidas – pelo atual governo de Lula com a burguesia; assim como enfrentar nas ruas a extrema direita bolsonarista que, embora tenha sido derrotada nas urnas, ainda é uma força política com grande penetração territorial e capilaridade social.

Quatro anos se passaram após o último Congresso Nacional dos Estudantes realizado de maneira presencial, em 2019. Neste período, tivemos de encarar uma perigosa e mortal pandemia e, ao mesmo tempo, um governo negacionista e ultra reacionário de extrema direita com intenções golpistas que levou adiante uma série de ataques às massas trabalhadoras.

Como parte do recente processo histórico, o bolsonarismo foi derrotado eleitoralmente, apesar da frente ampla burguesa de Lula-Alckmin e sua campanha conservadora. Desta forma, a derrota do neofascista tratou-se de uma espécie de auto conquista política dos mais explorados e oprimidos do país, com destaque para o papel central que cumpriu a juventude nas mobilizações de rua contra o bolsonarismo e os ataques à educação, saúde, liberdades democráticas e etc.

Isso nos coloca diante de uma nova e mais favorável situação política para lutar. Uma situação que combina o enfraquecimento da extrema direita, que ainda se mantém como importante força dinâmica na luta de classes do país, com um novo governo que expressa uma coalizão normalizadora do regime burguês de exploração e opressão: uma dose reduzida do veneno de um sistema capitalista feroz e em crise que apresenta categórico avanço na precarização e recrudescimento na condição de vida às novas gerações, mas não sem importantes e heróicas mobilizações dos de baixo. Esse é um arranjo político entre partidos de direita (chamados de “Centrão”), de centro-direita e de centro-esquerda (PT, PSB, PDT, PCdoB e PSOL) que tem um caráter liberal-social.

Ao não ter convocado às ruas e partir para cima da farsa golpista de 8 de janeiro para impor uma derrota categórica à extrema direita, com o objetivo de conciliar com a classe dominante e seus representantes mais diretos para aprovar suas contrarreformas, o governo se enfraquece e, ao mesmo tempo, abre espaço para novas contrarreformas e uma conjuntura mais reacionária.

É necessário enfatizar que o atual governo segue defendendo os interesses da classe dominante nacional alinhada ao imperialismo. Lula-Alckmin, com o apoio da esquerda da ordem (PSOL e afins), apoia-se em uma precária governabilidade. Em um momento, tutelada e, em outro, chantageada pelas forças reacionárias do Centrão, mas sempre com o sentido de impor medidas reacionárias. Essa estruturação política típica de todo governo burguês de conciliação de classes – governar apoiado nas instituições burguesas, de costas para o movimento e cooptando suas direções – tem aberto o caminho para uma conjuntura favorável para impor todas as contrarreformas da burguesia. Ou seja, ao governar com o Centrão em detrimento dos interesses dos trabalhadores, da juventude e dos oprimidos, o governo se tornou refém da sua própria frente ampla, na qual quem dá a palavra final é a classe dominante.

Como contribuição ao debate em vistas à chegada do 59º CONUNE, ressaltamos que compreender o caráter do atual governo e os métodos necessários para impor de uma vez por todas uma derrota categórica à extrema direita – a luta direta das massas nas ruas -, devem ser pontos de partida inegociáveis para alçar uma luta do movimento estudantil que encare de maneira resoluta os históricos desafios de reverter as contrarreformas do Ensino Médio,

Trabalhista e Previdenciária, bem como os novos ataques do novo teto de gastos e o criminoso e inconstitucional marco temporal com a PL 490.

Portanto, reivindicamos a construção de uma UNE independente deste governo, dos patrões e da burocracia que tem servido ao longo do tempo como força contentora da mobilização da juventude e das massas trabalhadoras.

POR TUDO ISSO, NÓS DA JUVENTUDE ANTICAPITALISTA JÁ BASTA! DEFENDEMOS:

- PLANO NACIONAL DE LUTA CONTRA O MARCO TEMPORAL – PL 490;
- REVOGAÇÃO DO NOVO ARCABOUÇO FISCAL;
- MOBILIZAR E EXIGIR AO GOVERNO A REVOGAÇÃO IMEDIATA DO NOVO ENSINO MÉDIO;
- PRISÃO DE BOLSONARO E DE TODOS OS GOLPISTAS E GENOCIDAS.
- FIM DOS VESTIBULARES E DEFESA DAS POLÍTICAS DE PERMANÊNCIA;
- APOIO AO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO E LUTA DEMOCRÁTICA DOS
- ENTREGADORES PELO RECONHECIMENTO DOS SEUS DIREITOS COMO
- PARTE DA CLASSE TRABALHADORA;
- REVOGAÇÃO DA REFORMA DA PREVIDÊNCIA E TRABALHISTA.

RECONSTRUIR O MOVIMENTO ESTUDANTIL E A UNE NA LUTA POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR!

*Juventude Comunista Avançando

Desde a década passada, a juventude e o povo brasileiro foram assolados pelo golpismo e a escalada de agressões das classes dominantes. Sofremos ataques ao investimento público, à política de valorização do trabalho, o direito à educação, à vida e à saúde pública.

Passamos por uma trágica pandemia e encontramos o mundo à beira de uma guerra de proporções inéditas. A aliança militar capitaneada pelo imperialismo - a OTAN - busca conter a crise e retomar sua hegemonia unipolar, levando o mundo a mais guerras. No Oriente, as tensões escalam com agressões dos Estados Unidos à soberania chinesa na ilha de Taiwan. Os tempos de guerra exigem clareza para não nutrirmos falsas esperanças ou cairmos em desespero. Não devemos oferecer qualquer confiança aos interesses da OTAN em qualquer região do mundo! De igual forma, se o regime russo é um ponto de apoio na luta contra o expansionismo ocidental, ele não é um pilar de apoio para a libertação substantiva aos povos do mundo - limitado por uma posição antiimperialista sem visão estratégica sobre o combate ao capitalismo.

No Brasil, o conjunto do movimento golpista tinha como fim derrotar qualquer desobediência brasileira ao imperialismo, aplicando uma agenda de devastação social e extermínio da classe trabalhadora. Os golpistas que ocuparam a presidência nas figuras de Temer e Bolsonaro, destruíram a previdência social, as poucas leis do trabalho, e colocaram em marcha um movimento que poderia levar o Brasil a um permanente Estado de exceção fascista.

Não fosse a luta dos estudantes, da juventude e dos trabalhadores, as classes dominantes e o imperialismo poderiam ter acabado com todas as liberdades democráticas, fechado a UNE, criminalizado completamente a luta política e exterminado a esquerda nacional. O projeto dos fascistas levou nosso país às mãos de um governo que militou pela morte de centenas de milhares de brasileiros, asfixiou e desvalorizou a educação pública.

Através de intensa luta desde 2015, conseguimos causar uma derrota ao fascismo e ao imperialismo elegendo Lula no pleito do ano passado. Se enganam as forças que acreditam que a vitória eleitoral e a manutenção do governo por si só já resolvem o fascismo. Para liquidar a ameaça fascista é preciso caminhar para o socialismo e romper os laços de subordinação econômica do país. Essa vitória contra o golpismo sete anos depois da derrubada de Dilma não basta! Precisamos reconstruir a economia nacional, reposicionar nosso país no mundo e dar passos decididos em direção à uma democracia que abra caminho para o socialismo.

No plano das lutas imediatas, é preciso ter claro os limites estratégicos do governo petista como um governo de frente ampla pela diluição do bolsonarismo. Se de um lado não podemos esperar do governo que conduza a luta contra o fascismo até às últimas consequências, não podemos tratá-lo como adversário ou nutrir contra ele posturas sectárias. Lula é o governo que fomos capazes de eleger, e devemos defendê-lo do imperialismo, do fascismo e das elites brasileiras na mesma medida em que precisamos nos organizar para conquistar avanços.

Se queremos uma universidade popular, precisamos construir uma luta suficiente para que se amplie o investimento público na educação e na ciência, que se avance contra os parasitas privados da educação, que a universidade produza conhecimento para resolver os principais problemas do nosso povo e que a autonomia das universidades seja protegida e aprofundada. Nada disso depende pura e simplesmente do governo. Verdadeiras reformas que ampliem o poder do SUS, que reformem as Forças Armadas, que concretizem uma verdadeira reforma agrária, entre outras tantas são centrais para a vida nacional, e devem ser protagonizadas pelo povo em luta.

Para que sejam possíveis vitórias profundas, é necessário que todo o povo esteja em luta! Nos últimos anos os estudantes têm assumido importante protagonismo e exemplo na resistência.

No entanto, as decisões e organização estudantil seguem reféns de acordos de cúpula, práticas de aparelhamento das entidades e demais práticas antidemocráticas. Para avançar de vez na organização dos estudantes é necessário superar as brigas de torcida, a lógica de uma UNE como fórum de partidos, ampliar os espaços decisórios de base e auto-organização estudantil.

Não nos enganemos! Vencemos Bolsonaro nas urnas e está inelegível, mas a força social do fascismo e do imperialismo no Brasil segue muito viva, sabotando por dentro e por fora do governo e da legalidade. Cabe a nós seguirmos organizando a juventude e os estudantes para enfrentar os de cima e construir o caminho para o socialismo em nossa terra - única alternativa para verdadeira paz e democracia.

Leia nossa tese completa em: <http://acoluna.org/2023/07/01/reconstruir-o-movimento-estudantil-e-a-une-na-luta-por-uma-universidade-popular/>

ARCABOUÇO FISCAL NÃO! DINHEIRO PARA AS UNIVERSIDADES, NÃO PARA DÍVIDA PÚBLICA!

*Juventude Vamos à Luta

As rebeliões no mundo não param

Fortes mobilizações e rebeliões acontecem pelo mundo contra os planos de ajustes dos governos. Greves na Alemanha, Inglaterra e principalmente na França. Na América latina houve fortes mobilizações no Peru e Chile. Apoiamos as revoltas populares pelo mundo mobilizadas contra o ajuste, desemprego, fome e repressão e apoiamos a resistência dos ucranianos contra a invasão do imperialismo russo, sem confiar em Zelensky e chamando Fora OTAN. Nos somamos às ações de solidariedade em todo o mundo.

A UNE deve organizar atos nacionais unificados contra o Arcabouço

Em seis meses de governo, enquanto tiram investimentos das áreas sociais com o Arcabouço Fiscal, Lula e Alckmin aceleram a votação do “regime de urgência” do Marco Temporal, que fortalece os ataques aos povos indígenas e a destruição ambiental. Em vez de revogar o Novo Ensino Médio, suspendem-no, negando o direito ao estudo de milhares de jovens.

A postura da direção majoritária da UNE (UJS, LPJ, JPT) é imobilista, não há ações para barrar esses projetos. A UNE deve convocar um calendário nacional de atos unificados contra o arcabouço fiscal, o Marco Temporal e o Novo Ensino Médio. O CONUNE deve organizar a luta estudantil pela recomposição orçamentária das IFs, e apoiar as greves da educação.

Dinheiro para as universidades, não para Dívida Pública!

As universidades públicas estão em crise. Não há bolsas suficientes e os seus valores são ínfimos. O governo reajustou algumas bolsas CAPES e CNPq, mas a maioria segue sem reajuste. Faltam servidores e acessibilidade nos campi. Tais problemas só serão resolvidos com investimentos. Há demandas por creches nas universidades, as estudantes, pessoas LGBTQIAP+ e negres clamam por segurança nos campi.

Por mais orçamento para a educação, só 2 bilhões não bastam para tirar as universidades da crise. Exigimos que o governo revogue o Arcabouço Fiscal, não pague a Dívida Pública e taxe as grandes fortunas. Por dia é pago 5 bilhões à Dívida, valor destinado aos banqueiros. Queremos dinheiro para as universidades, não para a dívida!

Por uma UNE mobilizada pelas pautas dos estudantes e independente das reitorias e dos governos! Chamamos a oposição de esquerda a unificar no CONUNE.

Para que os estudantes tenham vitórias, a UNE precisa ser independente e deve apostar na luta estudantil por pautas imediatas. Contudo essa não é a postura da direção majoritária (UJS, LPJ, JPT). A UNE blinda o governo Lula/Alckmin das denúncias e mobilizações contra os ataques que aplica. Fazemos um chamado a Oposição de Esquerda (UJR/UP, UJC/PCB, Juntos/MÊS, RUA/Insurgência, Afronte/Resistência): temos que unificar e derrotar a direção majoritária no CONUNE. Pela independência da entidade, que esta não se restrinja a negociar migalhas em gabinetes, mas aposte que na organização democrática da base estudantil, ocupando as ruas, para derrotar o Arcabouço Fiscal, a reforma do ensino médio, o marco temporal, a extrema-direita e exigir a recomposição orçamentária para o aumento das bolsas, permanência, restaurantes universitários, moradia estudantil, creches, concursos públicos e infraestrutura adequada.

Programa:

- Não ao arcabouço fiscal e ao Marco temporal, basta de genocídio aos povos Originários!
- Prisão de Bolsonaro e de todos os bolsonaristas golpistas. Confisco dos bens de Bolsonaro, sua família e dos empresários financiadores das ações golpistas.

- Fora Múcio do Ministério da Defesa!
- Exoneração e prisão de toda a cúpula das forças armadas, que foi conivente com os acampamentos e invasão dos bolsonaristas. Fim da PM e da PRF!
- Revogação da reforma da previdência, trabalhista, teto de gastos, reforma do ensino médio e sigilos de Bolsonaro. Contra todas as privatizações.
- Não pagamento da Dívida Pública aos banqueiros e taxaço aos ricos para ter verbas para a educação e áreas sociais.
- Contra os cortes das universidades. Recomposição orçamentária já! Universidade para os filhos da classe trabalhadora!
- Reajuste de 79% das bolsas de acordo com as perdas dos últimos anos!
- Por uma política de permanência nas universidades para cotistas. Manutenção, reajuste e extensão das bolsas, da moradia e tarifas acessíveis nos restaurantes universitários.
- Contra a terceirização dos serviços nas universidades. Concurso público já!
- Transporte gratuito intercampi e passe livre universitário municipal e intermunicipal para todes estudantes.
- Sistemas de segurança nos campi, com profissionais capacitados em defesa da segurança de mulheres, LGBTQIA+s e negres.
- Autorização para alunas com crianças de colo assistir as aulas e para as crias comerem nos restaurantes universitários. Creches nas universidades!
- Cotas para pessoas trans e respeito à utilização do nome social.
- Apoio às demandas e lutas das pessoas com deficiência, por uma universidade anticapacitista!

A LIBERDADE É INEVITÁVEL

*União Juventude e Liberdade

A União Juventude e Liberdade nasceu em 2020 com o propósito de renovar o movimento estudantil brasileiro e apresentar uma nova perspectiva para a crise profunda em que se encontra o ensino superior no Brasil. As universidades estão sucateadas, as turmas esvaziadas, os recém-egressos desesperançados. A evasão virou a palavra de ordem nos campi de todo o país. É preciso dar um basta nesse cenário e tirar o Brasil da retaguarda dos índices de desenvolvimento científico, educacional e tecnológico.

Acreditamos na afirmação da autopropriedade de cada indivíduo como valor primordial a partir do qual nascem seus direitos fundamentais, como a liberdade de consciência, credo, expressão e associação. Vemos no valor sagrado da liberdade não apenas o melhor, mas o único caminho possível para que cada pessoa possa almejar suas aspirações e alcançarmos uma sociedade livre e próspera com educação digna e de qualidade para todos os estudantes.

RENOVAR O MOVIMENTO ESTUDANTIL DESDE A BASE

1. A violência política, as pérfidas intrigas pelo poder e a partidarização constante do debate têm afastado os discentes dos espaços de representação. Qualquer um que ouse romper com a tradição do discurso único é prontamente atacado pelos que desconhecem o diálogo e o exercício democrático. Na 13ª Bienal da UNE, fomos agredidos por extremistas que se organizam há décadas dentro de uma facção clandestina para intimidar estudantes e fomentar a violência dentro das universidades. Urge, portanto, seguirmos firmes na defesa da liberdade e no combate ao extremismo stalinista para, enfim, devolvermos o movimento estudantil aos estudantes de verdade - e tirar das mãos daqueles que fazem da condição de discente uma "profissão".

2. Mobilizar o movimento estudantil desde a base e trazê-lo ao século XXI! Os Centros e Diretórios Acadêmicos desativados pela pandemia ou por cálculos estratégicos nocivos de movimentos extremistas precisam voltar à ativa. Para além dessas instâncias tradicionais, queremos trazer o movimento estudantil para o lado das Atléticas, das Ligas Acadêmicas e do Movimento Empresa Júnior. Reconstruir a UNE significa também se atualizar junto às novas formas de associação e representação estudantil.

3. A narrativa de demonização do trabalho, da riqueza e do sistema capitalista têm atrasado estudantes em ideações nefelibatas, comprometendo a qualidade da formação acadêmica e da qualificação profissional. É hora de estimular e mostrar aos jovens a importância de se ter um pensamento voltado ao trabalho e à geração de riqueza, tanto para si quanto para a sociedade. É preciso fomentar parcerias entre estudantes, universidades e empresas por meio de estágios, treinamentos e subsídios para pesquisa e tecnologia.

4. Para termos um ensino superior mais livre, é imprescindível que os estudantes possam ser livres para ser, amar e existir sem medo. O racismo, a intolerância religiosa e política, o machismo, a LGBTfobia e qualquer forma de preconceito e discriminação devem ser combatidos. O ódio não tem lugar em universidades livres.

5. Chega de lidar com a criminalidade e a insegurança que assombram diariamente os estudantes dentro e fora das instituições públicas e privadas. Não existe universidade popular e de qualidade em meio à violência e à insegurança. Infelizmente, o sectarismo de setores extremistas do movimento estudantil tem boicotado o combate à violência há muito tempo. É preciso admitir que a política de "segurança não armada" fracassou e coloca em risco a vida dos discentes.

DEVOLVER A UNE AOS ESTUDANTES

1. É tarefa de primeira ordem trazer a UNE para o lado da democracia. É preciso que ela assu-

ma uma posição internacional de defesa da liberdade, da paz, da autodeterminação dos povos, do desenvolvimento sustentável e da universalidade da democracia e do Estado de direito. O movimento estudantil brasileiro deve manifestar sua permanente ojeriza a ditaduras, autocratas e violações dos direitos humanos independente do espectro político.

2. A transparência começa em casa! É urgente uma auditoria completa das contas da UNE nas últimas duas décadas, incluindo uma análise detalhada do destino dos 44,6 milhões de reais destinados pelos governos do PT para a reforma jamais concluída da sede da UNE na Praia do Flamengo. Há alguns anos, o TCU identificou que a UNE utilizou indevidamente R\$2,8 milhões doados pelo Governo Lula para adquirir “cerveja, vinho, cachaça, uísque, vodca, búzios e velas”.

3. Reformular os mecanismos de governança da UNE e aproximá-la dos estudantes recuperando a representatividade e a reputação da instituição. Como parte da nova política de compliance, defendemos a criação do Portal da Transparência da UNE, que atualizará as movimentações financeiras da entidade e garantirá publicidade para qualquer ato ou documento emitido.

4. Diretas já! Defendemos o fortalecimento da democracia interna e a realização de eleições diretas para todos os cargos da diretoria executiva da UNE.

A JUVENTUDE QUER VIVER E TER FUTURO DIGNO

*Coletivo Alicerce

Após quatro anos de governo Bolsonaro e o desastre que a pandemia se tornou no Brasil, finalmente podemos respirar com um certo alívio após a vitória eleitoral, a contenção do vírus e do bolsonarismo. A mobilização unitária, especialmente puxada pela juventude, do #elenão, o maio da Educação em 2019 e a poderosa campanha pelo Fora Bolsonaro foram momentos decisivos de disputa na sociedade para contrapor a extrema polarização, a distorção da realidade e a deterioração dos laços sociais impulsionadas pela crise e pela pandemia.

Mas longe de serem as causas, tanto Bolsonaro quanto a pandemia são sintomas de uma crise profunda que, na ausência de alternativa de mundo, de vida e de organização da sociedade, ganham terreno alastrando a barbárie como único caminho possível. A vitória efetiva sobre a extrema direita depende da continuidade da mobilização nas ruas e da busca pela rearticulação e reorganização política do nosso povo e do movimento estudantil, com o objetivo de construir um projeto alternativo para o país e para a educação.

A juventude continua sendo o setor que mais sofre as consequências de um sistema destrutivo e sua política de morte, seja através do genocídio sistemático da juventude negra, seja através da anulação do sentido da vida e da falta de perspectiva de futuro. Quando se consegue se localizar no mundo do trabalho, as oportunidades apresentadas à juventude têm sido empregos mal remunerados, informais, com longas jornadas de trabalho, alta rotatividade e um desgaste físico, mental e emocional que leva a uma infinidade de formas de adoecimento.

Nas mãos das elites o mundo está rapidamente se encaminhando para um aprofundamento da barbárie. Somos um projeto de nação inacabado e interrompido, construído a partir do colonialismo, combinando a tentativa de extermínio dos povos originários com a escravização de povos negros traficados, para alimentar a empresa que se tornou o Brasil. Desde a colonização, esse território sempre serviu a objetivos alheios aos daqueles que o habitavam, enriquecendo e desenvolvendo outras nações. Todas as transformações políticas ocorreram sem rupturas, resultando na manutenção das estruturas coloniais, na preservação do poder e no acúmulo de problemas não resolvidos. As elites nunca tiveram um projeto de desenvolvimento nacional, sempre buscaram o melhor terreno para seus negócios particulares. Submissão pra fora e truculência máxima para dentro.

Somente os trabalhadores, as trabalhadoras e a juventude têm interesse nas transformações reais do país, que não poderão ser contidas dentro dos marcos do capitalismo selvagem que dita as regras no país. O Brasil precisa de uma revolução, um golpe de força que permita ao povo trabalhador colocar em marcha as transformações profundas de que o país necessita. As Jornadas de Junho de 2013 deixaram as lições do que possivelmente ser esse processo revolucionário no país.

O movimento estudantil foi e tem sido parte fundamental desses movimentos de resistência. A pandemia teve um impacto profundo na desorganização estudantil, o que acelerou derrotas e perdas de direitos.

O desmonte das universidades públicas, que desde 2012 tem enfrentado cortes sistemáticos em seu orçamento, produzindo estruturas de estudo precárias, falta de moradia estudantil, escassez de professores, terceirização e aumento dos preços nas refeições dos restaurantes universitários, falta de bolsas, ausência de verbas para atividades de campo e uma infinidade de problemas. A pandemia foi um verdadeiro laboratório da implementação em larga escala do EaD nas universidades através do Ensino Remoto Emergencial (ERE) uma forma ainda mais precarizada de ensino à distância.

Ao mesmo tempo, ensino superior privado tem crescido vertiginosamente. O ingresso de es-

tudantes de baixa renda ou oriundos de escolas públicas em universidades privadas, têm significado ou o endividamento da juventude, ou a injeção de enormes montantes de dinheiro público nessas instituições, sem a exigência de contrapartidas, como garantia de assistência estudantil ou acompanhamento de concluintes.

O movimento estudantil precisa se rearticular para recuperar sua força na disputa pelos rumos da educação e do país. Isso envolve fortalecer a política como parte do cotidiano dos estudantes. Impulsionar processos de coletivização e luta através dos Diretório e centros Acadêmicos (DAs e CAs) e DCEs, que resgatem nos estudantes sua dimensão de sujeitos históricos. As lutas históricas e os enfrentamentos recentes demonstram a enorme força de combate dos estudantes quando estão organizados. Acreditamos que o papel de uma entidade nacional nessa situação seja contribuir com esse processo de reorganização a partir da base, unificando e impulsionando as lutas através dos sujeitos reais.

Reorganizar o Movimento estudantil, defender a educação pública e os direitos estudantis!

PARA QUE O AMANHÃ NÃO SEJA COMO ONTEM!

*Ecoar - Juventude Ecosocialista

Chegamos ao 59º Congresso Nacional da UNE após derrotar nas urnas um governo genocida, que se empenhou em destruir direitos conquistados a partir de lutas históricas e que atacou as universidades e a ciência. Esse cenário exige de nós reflexão para que essa vitória não termine em si mesma. A juventude precisa unir forças para construir um projeto de sociedade que defenda o nosso futuro, para que o amanhã não seja como ontem!

O Ecoar - Juventude Ecosocialista é um coletivo de jovens que se propõe a somar forças a esse processo, por meio da construção coletiva de um projeto de educação que de fato sirva aos nossos interesses, que leve adiante uma perspectiva ecosocialista de universidade. Defendemos que a UNE seja construída com a base estudantil ativa, em lutas conectadas com as demandas dos/as trabalhadores/as universitários/as.

O mundo passa por uma grave crise, que já escalonava antes da pandemia da Covid-19 e, com sua chegada, passou por uma forte intensificação. A riqueza dos de cima cresce, enquanto a classe trabalhadora passa fome e se amplia a desigualdade no planeta. O capitalismo aprofunda seu modo de produção, levando a crise ambiental a patamares irreversíveis, que atingem principalmente as populações pobres, negras, indígenas, as mulheres e as LGBTQIAPN+. O que acontecer nos próximos anos indicará se a vida humana terá chance de continuar.

O Brasil, um país da periferia do capitalismo, tem no agronegócio e na mineração os pilares da sua economia. Esses setores das classes dominantes foram essenciais para a eleição de Bolsonaro, que foi responsável pela morte de centenas de milhares do nosso povo e implantou um projeto ecocida e anti-povo.

Os ataques vieram pelas mais diversas vias e, durante a pandemia, o movimento negro protagonizou a retomada das ruas quando se manifestou contra as chacinas. Esse foi um marco importante de denúncia da chamada “guerra às drogas” e do projeto de genocídio do povo negro que está por trás desse discurso. A partir de então, a permanência nas ruas, para lutar em defesa das nossas vidas, foi fundamental para o desgaste de Bolsonaro na presidência.

Com Bolsonaro derrotado nas urnas, o que está em jogo é como derrotaremos o fascismo. A conciliação de classes, defendida pelo atual governo, não funciona para nós: é impossível servir às classes dominantes e acabar com os trágicos problemas enfrentados pela classe trabalhadora. Nos mandatos anteriores, ela já encontrou limites. Na educação, por exemplo, o Reuni e o Prouni, que foram responsáveis por colocar nas universidades a juventude preta e periférica, provocou um endividamento em massa de jovens brasileiros, enriquecendo os tubarões da educação. As Jornadas de 2013, que completam 10 anos, já denunciavam a insuficiência dessa conciliação, reivindicando que o Estado brasileiro servisse à população, e não ao 1%. Agora os limites dessa conciliação ficam ainda mais nítidos.

Embora os primeiros meses do atual governo tenha revertido ataques bolsonaristas, também demonstraram a intenção de montar uma coalizão com a mesma burguesia agro-exploratória que sustentou Bolsonaro, rifando inclusive políticas de demarcação das terras indígenas e de defesa de biomas.

A continuidade de projetos como o Novo Ensino Médio ameaça direitos na educação. Trata-se de formar uma massa de mão de obra a ser explorada no futuro, mercantilizando o ensino público. Também não aceitamos o arcabouço fiscal apresentado por Haddad, ministro de Lula, que pouco se difere do teto de gastos imposto por Temer e contra o qual lutamos incansavelmente. Esse é um ataque direto aos serviços públicos e à qualidade de vida de nosso povo.

Uma UNE de luta não pode se associar a isso. A UNE que queremos precisará ter a valentia

de superar sua burocratização e seu distanciamento com as bases estudantis. O Movimento Estudantil pode cumprir um papel relevante na oposição a essas medidas. A UNE precisa lutar! Lutar por um mundo novo, para que nosso amanhã não seja como ontem!

O QUE QUEREMOS ECOAR:

- > Educação crítica, ecossocialista, que nos liberte das amarras do capitalismo imperialista, que emancipe nosso povo e defenda a natureza!
- > Espaços de educação seguros e inclusivos para as populações negras, tradicionais e originárias, PCDs, mulheres, LGBTQIANP+ e neurodivergente.
- > Recomposição orçamentária das universidades! Não aos grupos privados! Não ao Novo Arcabouço Fiscal! Revoga Novo Ensino Médio!
- > Ampliação da política de cotas, incorporando pessoas trans e com participação de movimentos sociais em sua construção.
- > UNE e DCEs independentes de governos e reitorias: queremos universidades verdadeiramente democráticas.
- > Extensão universitária: nosso conhecimento servindo à comunidade, para além dos muros!
- > Políticas amplas de permanência, que garantam alimentação, moradia, atenção em saúde mental e autonomia financeira!

ROMPER COM O GOVERNISMO PARA ERGUER UMA UNE INDEPENDENTE, DEMOCRÁTICA E COMBATIVA

*Corrente Proletária Estudantil

Principais objetivos e tarefas do CONUNE

1. Aprovar linha estratégica clara de independência da UNE diante do Estado, do governo e das forças políticas burguesas. Romper a dependência da UNE com o governo burguês de Lula e a frente ampla que o sustenta;
2. Defender um sistema único, público, gratuito e científico de educação, vinculado à produção social e sob o controle de quem estuda e trabalha;
3. Aprovar um programa de reivindicações que unifique a maioria da juventude em torno ao acesso universal e à permanência no ensino superior. Estabelecer os métodos de luta que impulsionem o movimento estudantil (ME) em defesa de suas necessidades e reivindicações.
4. Definir o conteúdo da real autonomia e democracia universitárias, como autogoverno, com soberania da assembleia universitária e poder de controle sobre a direção das universidades.
5. Restabelecer a democracia sindical e o controle das bases estudantis sobre a direção. Por CONEGs e Congressos que expressem as reais forças políticas do ME.
6. Eleger uma direção independente do governo, democrática e combativa.

Estratégia de independência da UNE

Diante do governo de frente ampla burguesa de Lula a UNE deve resguardar completamente a sua independência política, ideológica e organizativa. O que significa concretamente lutar contra sua política educacional de sustentar o sistema privado de educação e manter os obstáculos sociais, educacionais e institucionais que impedem a maioria da juventude de ter acesso ao ensino superior. Qualquer que seja o governo burguês, de direita, ultradireita ou esquerda, se guiará pela diretriz educacional que protege o sistema privado de ensino em detrimento do público. Apoiar o governo Lula resulta em manter a exploração capitalista do trabalho, a grande propriedade privada dos meios de produção e a situação de pobreza e miséria que condiciona a existência da maioria oprimida. A juventude e o ME devem se colocar sob a estratégia de poder próprio da classe operária que virá da revolução social. Somente assim, a educação abarcará todos e se vinculará à produção social. A linha que expressa a luta independente da juventude como parte da luta do proletariado é a da constituição de uma oposição revolucionária ao governo Lula, sob a estratégia própria de poder, por um governo operário e camponês.

Programa de reivindicação

A base do programa de defesa do ingresso de toda a juventude à universidade é a da constituição de um sistema único, público e gratuito. Estatização do sistema privado para o acesso universal ao ensino superior. Se a UNE lutar pelo fim do vestibular e contra toda forma de discriminação social e cultural, terá de lutar pelo fim do sistema empresarial de educação. Trata-se de combater a política que impõe o Novo Ensino Médio, o EaD e as contrarreformas que cortam recursos da educação pública. A outra condição fundamental é a garantia de trabalho a todo jovem e uma jornada combinada com os estudos. A superexploração, o desemprego e o subemprego impedem que a maioria prossiga os estudos. Essa é a base para a defesa das reivindicações mais elementares, como moradia, alimentação, creche, bolsas etc.

Autonomia e democracia universitárias

A universidade deve ser controlada por quem estuda e trabalha. Esse é o conteúdo real da autonomia e da democracia universitárias. A assembleia universitária é o órgão máximo de decisão e de soberania. O que implica a luta por um governo tripartite da universidade, eleito

diretamente por estudantes, professores e funcionários e com mandato revogável por aqueles que o elegeram. Responderá em última instância à assembleia, e não ao Estado e à burocracia universitária, e se garantirá a liberdade de cátedra. Não se pode confundir a real autonomia e a democracia universitárias com a caricatura que se implantou com a figura do reitor e dos conselhos. A assembleia universitária e o governo tripartite são partes fundamentais do programa operário para a educação.

Democratização da UNE

A desburocratização e a desestatização da UNE dependem da luta pela constituição de uma direção classista e revolucionária. A direção colaboracionista, governista e subordinada à política do reformismo burguês é a responsável pela ausência da democracia sindical. Os Congressos expressam a orientação política que restringe o programa para educação à minoria e que segue a estratégia burguesa ditada pelo controle empresarial sobre o ensino. Este 59o CONUNE foi montado à imagem e semelhança da direção subordinada ao PCdoB e PT para não discutir amplamente nas universidades a estratégia de apoio ao governo de frente ampla e suas consequências desastrosas para a educação. A tarefa da vanguarda com consciência de classe é a defesa dos fundamentos programáticos e da organização de um ME de oposição classista, desde as bases, dos CAs e DCEs.



UNE.ORG.BR